

ANO I

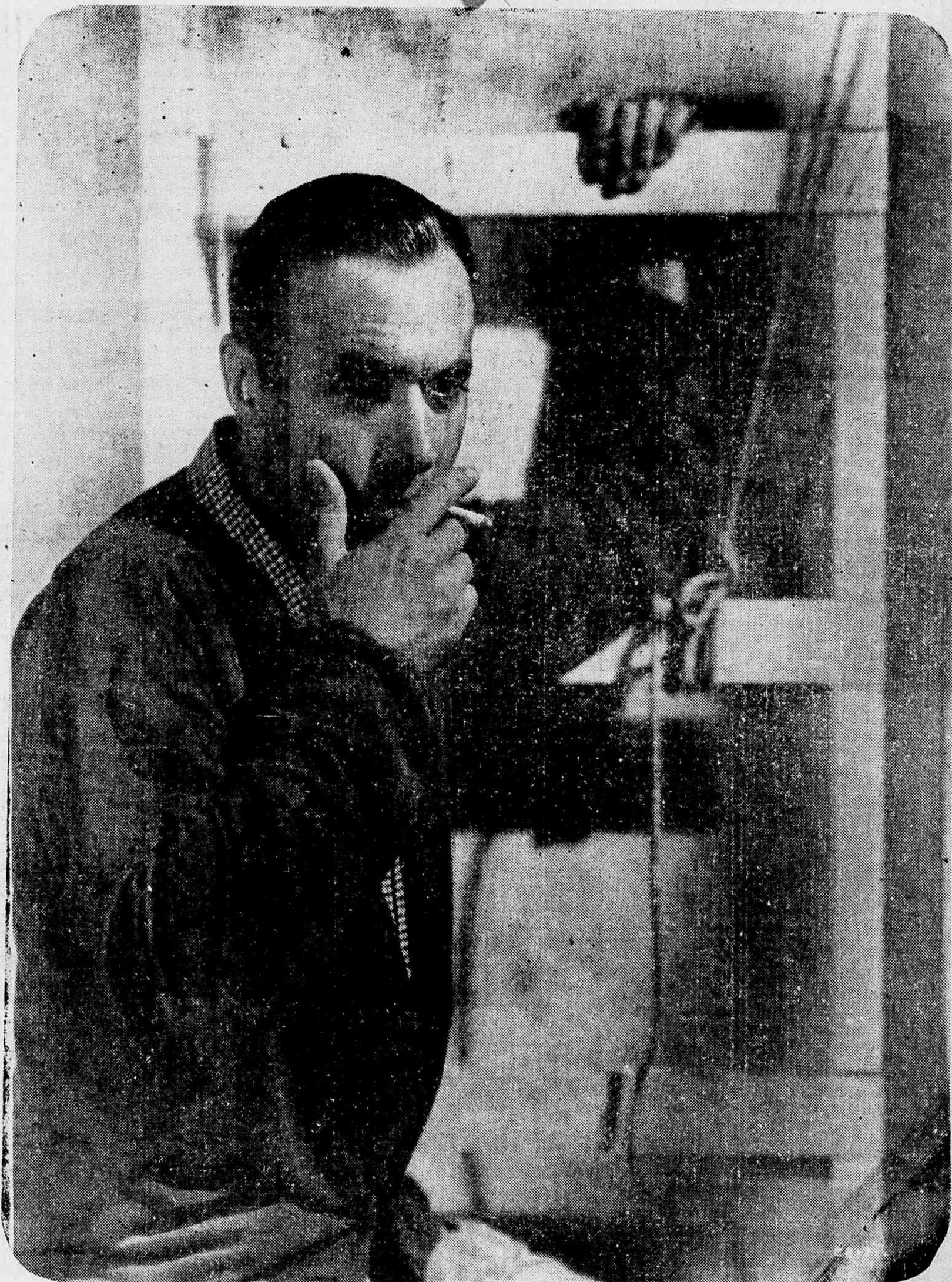
Cr\$ 1,00

NÚMERO 44

SEXTA-FEIRA

9-7-48

# MOMENTO *feminino*



CHARLES BOYER VEIO DO CINEMA FRANCES PARA HOLLYWOOD. SEU NOME É CARTAZ DE BILHETERIA E SUAS FANS ENCHEM O MUNDO

**ESTÍMULO  
E EXEMPLO**

**Recebemos esta carta:**  
UBERLANDIA, 25 DE JUNHO  
DE 1948

Presadas amigas:  
Já estou recebendo novamente o jornal MOMENTO FEMININO. Ao fazer a distribuição notei contentamento entre as leitoras. Elas diziam: Ah! até que enfim apareceu. Já andava com saudades. Muitas pensaram que a falta era minha, e eu então esclarecia a razão.

Junto a esta, vai uma fotografia de minha sobrinha Helena que está com um ano de idade. Espero que ela vai ser uma colaboradora para o nosso jornal, pois os seus pais, hoje são admiradores do MOMENTO; e a sua Mãe segue os apreciáveis conselhos que vêm. Eles se chamam Cazeiro Calábria e Orquíza de Assis Calábria.

Vou remeter, hoje uma remessa de assinaturas que estamos conseguindo. Consegui formar uma comissão para colher assinaturas e estou lutando para o trabalho ser ampliado. Creio que com mais 3 meses teremos algum resultado.

Em vista da falta de dinheiro que o jornal se encontra, achamos que não é justo ficarmos com a porcentagem que nos é concedida. E' esta a razão que o pagamento vai integral.

Ainda não recebi o talão de assinaturas. E' de muita importância, porque as conhecidas confiam em nós, mas as desconhecidas deixam de fazer assinaturas, porque é muito natural não ter confiança.

Sem mais motivos, envio abraços a todas e espero que os negócios vão andarem bem, de agora em diante.

Da amiga

OLIVIA CALABRIA



Waldira Araújo Barros, uma grande leitora e amiga de "MOMENTO FEMININO".

**Dois problemas - os mais atuais da cidade**

Dois problemas sacodem atualmente esta cidade batida por um friozinho leve de julho. Os outros problemas são mais e são urgentes, ficaram impressos nas ruas e nos meio-fios, nas esquinas e nas feiras, gravados e a exigir solução, no ambiente geral, enquanto dois deles avolumando-se, crescendo, tomaram conta da cidade e se impuseram com violência maior: o despejo dos moradores das favelas e morros e o aumento de salários dos comerciantes e bancários. No primeiro o drama daquela gente paupérrima e sem possibilidade de moradia, gente útil e corajosa que arrasta baldes pelas encostas dos morros em busca de água, que vive em casas de lata e não conhece nem sequer um mínimo de conforto. Essa gente recebe a visita da polícia que, por ordem do Prefeito do D. Federal, vai simplesmente desalojá-la. Que importa que eles fiquem ad relento? a quem importa que eles morram de fome? falam em voltar ao campo de onde muitos deles fugiram açoitados pela fome e o desemprego. Na Praia do Pinto os moradores protestaram violentamente e seus protestos encheram a Cidade. Vereadores — eleitos também por eles — foram ver de perto o grito de angústia daquela gente. Arcinha, Jacarécinho, todos os morros estão de ouvidos alertas e corações ofegantes à espera da ordem monstruosa que os desalojará. "Para onde iremos?" se perguntam as mulheres cujos filhos sem sapatos, sem escolas, sem comida e agora sem teto, são como um atestado brasileiro da incapacidade dos governos... No morro do Jacarécinho vivem 30 mil pessoas...

MOMENTO FEMININO publicará, em seu próximo número, uma longa conversa com essas mulheres sofredoras, de coragem e de valentia, que sofrem neste momento uma injustificável conção.

Demolição assim, sem mais nem menos por que? para embelesar a cidade? e a miséria acaba? Os turistas não verão nem terão notícias das favelas, mas essa gente que ali mora para onde vão? No morro do Cantagalo, em plena Copacabana chamada grãfina, a miséria se exhibe pomposamente.

Os moradores das favelas e dos morros, se estão organizando protestando, seus clamores enchem a cidade:

"E o aumento dos ordenados, meu Deus!" ganhamos tão pouco, trabalhamos tanto. "A vida está tão cara, veja você e o aumento tão prometido fica apenas como uma história da coelhinha." Assim estão falando nesta hora as mulheres que trabalham no comércio e nos bancos. São componentes de uma vasta corporação de criaturas áteis que trabalham tanto, que tanto produzem e que ganham apenas o suficiente para morrer de fome quando o trabalho devia ser para tornar a vida bela.

A cidade está vivendo seus problemas: as angústias das mulheres do morro e das favelas e as palavras de desejo, de necessidade e de exigência natural das comerciantes e bancárias.

**NICE FIGUEIREDO  
ADVOGADA**

Esc.: Av. Pres. Antônio Carlos, n. 207 — S/302-A  
— Telefone 25-0347 —

**DE MINAS**

Felizmente nós, mulheres de Juiz de Fora já temos um ânimo e segurança o exemplo das amigas de outros Estados. Realizamos em Benfica um trabalho ao prefeito sr. Dilermando Cruz pelas providências que tomou há cerca de dois meses para resolver o problema da água naquele subúrbio, além de outras medidas que beneficiam as duas famílias de casa do bairro. A Comissão promotora composta de Edina Campos Pavia, Edalina M. de Souza, Antonia Rosa Mendes, Esmeralda Bianchi, Maria Machado e senhoritas Maria Natividade e Celeste Sakon, obteve o maior êxito e compareceram à festa muitas senhoras, vereadores e o prefeito.

O Instituto Feminino de Juiz de Fora fundado em 4 de abril de 1946 e que tem estado meio morto apesar de algumas campanhas vitoriosas como as dos cobertores, meias e flanelas, está se reerguendo agora. Instalou uma sede, compareceu em comissão à Benfica e está muito entusiasmado com MOMENTO FEMININO. Temos esperança que agora o Instituto vai servir para boa união das mulheres de Juiz de Fora.

Breve mandaremos mais notícias. Abraços de Joaquina T. Rodrigues.

**DE GOIAZ**

As nossas amigas da União Feminina de Goiaz enviaram-nos um telegrama de pesar pela morte de nossa grande amiga Eugenia.



**Literatura**

REVISTA MENSAL  
Diretor:

**ASTROJILDO PEREIRA**  
Publica estudos, ensaios, poemas, contos, críticas de livros, crônicas da vida literária, documentos de interesse cultural, etc., etc.  
Assinatura por 12 meses: Cr\$ 50,00

Preço do número avulso Cr\$ 5,00

Redação e Administração:  
ALCINDO GUANABARA,

17 - 7.º andar — Sala 702  
RIO DE JANEIRO

**Nossos problemas**

ARCELINA

A imprensa diária vem mantendo em longa trégua o noticiário dos problemas ligados à economia doméstica, à carestia de vida — asa negra de tôdas as mulheres.

Não obstante, o movimento de encarecimento de tudo vai se alastrando e dia a dia as dificuldades aumentam, sem jeito para solucioná-las.

No fim do ano muita coisa nos foi prometida. Mas o Natal já vai distante e os presentes prometidos à cidade e ao povo, ficaram em promessas... Até a água continua a faltar e os processos altistas encontram sempre campo aberto para o seu prosseguimento.

A carne foi um grande problema. Sensacional, mesmo. Enquetes, entrevistas, conferências, negociações. Vinha carne de todo lado, do Estado do Rio, de Minas, seria vendida barato, sem osso, a pesagem garantida a Cr\$ 7,20 de primeira, etc. etc.

E depois? Água na fervura. Os jornais emudeceram, a conferência com os açougueiros ficou por isso mesmo, a carne continua com osso, mal pesada, com preferências para quem oferece mais e, sobretudo, cara para o atual padrão de vida. Eis a história. Além disso não poderíamos trazer carne de Minas, Estado tido como grande produtor. E isso porque, sabemos que a cota nacional de carne para cada pessoa é de 70 gramas "per capita", diariamente. E a fome, o aniquilamento feito daquela gente.

Logo se vê que as promessas públicas não passaram de palavras, pois não é possível admitir que a administração pública desconheça a real e geral situação do país.

Outro assunto sempre considerado sério é o do leite. Um dia ele vai faltar, depois o teremos com fartura, se o preço subir. Bem, essa história de leite já provocou muitos discursos nas Camaras. Sairam as negociatas, os conchavos, análises científicas sobre o seu valor nutritivo, seu encarecimento, sua difícil aquisição. Gente pobre que não toma leite — cotados! — velhos doentes à mingua, crianças que morrem por falta de leite. E depois? Depois, tudo ficou no mesmo, por incapacidade para resolver os casos levantados.

Até hoje as opiniões giram em torno de negociatas, e o leite continua a ser vendido a Cr\$ 2,50 e Cr\$ 2,80, uns continuando de fato a não poder comprá-lo, outros o tomam de qualquer maneira, isto é, com as "misturas" ou sem pasteurização. Neste caso, então, o crime se agrava. De um consumo de 300.000 litros de leite diários no Distrito Federal, a Cooperativa só tem capacidade para pasteurizar um sexto dessa quantidade. De onde se deduz que o excedente dessa porcentagem é vendido com todos os riscos de vida para o consumidor. Assim ficam expostas as crianças, os velhos sem hospitais e os doentes sem assistência médica a certas enfermidades decorrentes dessa falta de zelo pela saúde do nosso povo.

Afinal, não sabemos porque a CCPL exerce tão elevados poderes de controle e a população vive a ela escravizada.

Pobre país, onde beber leite é um privilégio!...

A carne e o leite são ou não alimentos básicos? Há médicos nutricionistas em todo o Brasil, que não sabem como aplicar sua especialidade. Não querem cair nas indicações platônicas mas, como atingir o seu objetivo dentro da realidade de vida do nosso povo?

Vêem que as coisas devem mudar, que só existem manobras, promessas em vão, cargos mal administrados e, por fim, o povo definhando, marchando para a fome.

Mas a luta contra a carestia, amigas, é nossa, principalmente das mulheres, donas de casa, mães de família, que desejam a saúde e a felicidade de seus filhos.

Eis por que estamos voltando a estes problemas, que parecem ir caindo no esquecimento e no descaso dos poderes públicos.



— Que pensa sobre as mocinhas modernas?  
— O! "Nós" fizemos muitos progressos...

# MEMÓRIAS DO CONTABILISTA PEDRO INÁCIO

MURILO RUBIÃO

Ah! O amor!

O amor de Jandira me custou sessenta mil réis de bonde, quarenta de correspondência, setenta de aspirina e dois anos de completo alheamento do mundo. Fora cinquenta por cento de meu cabelo e as despesas feitas com os meus clínicos que, erradamente, concluíram ser hereditária a minha calvície.

Mas os médicos que procurei não entendiam de alma e nem eu, tão pouco, conhecia, suficientemente a minha família.

Só mais tarde descobri o erro dos meus facultativos. Foi Dora, uma espanholinha cor de lírio, que gostava de dança clássica e mascar "chiclets", quem me revelou a origem do meu mal.

Como os bons remédios, Dora me ficou barato. Algumas dúzias de "chiclets", cinco bilhetes de festivos de caridade, onde — devo confessar — ela dançou divinamente; uma caixa de ervilhas de cheiro e apenas dois envelopes de aspirina.

Quando por oitenta mil réis! Em troca dessa ridícula quantia, fiquei sabendo a história de minha família, o motivo da minha atração pelo amor e pela contabilidade.

Antes não soubesse que o meu sentimentalismo era hereditário! Não teria pegado essa manta absorvente de consultar alfarrábios e viver vasculhando árvores genealógicas.

Deste-me, inefável Dora, o ofício mais causativo do mundo! Porém a minha mania de escrever não nasceu dos movimentos gratuitos de Dora. Não. Teve origem no meu noivado com Amélia. (Como é dispendioso um noivado! Até hoje não me foi possível saber, exatamente, o preço desse meu longo romance). Ou melhor, a culpa também não foi de minha noiva, como por muito tempo me pareceu. Mas de um meu antepassado, um português beberão, que chegou a escrever vinte volumes sobre a utilidade das bebidas espirituosas e doze sobre a não hereditariedade do vício alcohólico.

Para melhor entendimento dessas minhas memórias, devo dizer que esse meu ancestral, José Antônio da Câmara Bulhões e Couto, morreu de uma síncope cardíaca ao descobrir que dois de seus bisavós tinham falecido em consequência de cirroses de origem alcohólica.

O meu pranteado tio não resistiu à devocada de suas teorias, criando, desse modo, uma exceção estranha na minha família: foi o seu único membro que não desapareceu vitimado pelo amor.

Quando chegar a ler estes escritos, poderá pensar que estou exagerando na afirmação que acabo de fazer. Todavia, incorrerá em grave erro. O detalhe amoroso dos componentes de minha família, chegou a tal ponto, que um tio do meu antepassado José Antônio da Câmara, etc., etc., piedoso bispo, possuidor de todas as virtudes terrenas conhecidas, e cujos milagres cronistas portugueses, os mais sérios, registram, sucumbiu, em virtude de uma paixão. Sim. De uma paixão!

Isso se deu quando, vindo das Índias, de volta a Portugal, o bergantim em que viajava foi assaltado por piratas chineses, que conduziram toda a tripulação e passageiros do navio para a China.

Neste país, o virtuoso bispo, por uma dessas enigmáticas circunstâncias que só o diabo pode explicar, veio a se apaixonar por uma chinesa excepcional. Excepcional, porque comia arroz com as mãos, em vez de com os clássicos pauzinhos.

Pobre bispo! Ele que tantos milagres fizera nas Índias e em Portugal, não conseguiu que a anti-convenção chinesinha lhe dedicasse uma parcela sequer do seu meigo coração oriental!

E minha tarde brumosa — descrição vai por minha conta e fantasia — entre juncos, papoulas e flores e lotus, faleceu murmurando o nome da pagãssima Luchü-tze. (Que em paz esteja a sua alma, que a do meu tio padre, por certo está).

Mas de todos os Bulhões, o mais notável foi o meu tataravô, Pedro Inácio, cujo nome herdei.

Um lírico, o meu tataravô Pedro Inácio.

Usava fraque, monóculo, e todas as tardes reunia os escravos de sua fazenda para ouvi-lo recitar os mais belos trechos da literatura francesa.

E tamanha era a sua loucura pelas artes que aos seus negros deu nomes

de todos os grandes pintores, músicos e poetas da humanidade.

Quando moço, foi o maior conquistador de minha terra. Casado, cedeu

mento africano e a sua cultura a histórias fracárias, foi propositadamente banido da crônica de minha família. Todavia, não se envergonharam os

Apenas uma coisa me consola: a queda das minhas teorias não beneficiará os meus clínicos. Entre os vinte cidadãos que o dr. Damiano Corrêa

afirma estar o meu pai, não há um calvo sequer.

Não tenho mais ganas de esfalear o mundo. Dora, que no princípio destas memórias, erradamente, pensei ter me custado apenas oitenta mil réis (não sabia naquela época em quanto me iam ficar as minhas pesquisas genealógicas), apareceu ontem, ante os meus olhos, com grande surpresa de minha parte. Há dois anos não a via. E foi com excessivo pasmo que a encarei, vendo-a na minha frente carregando setenta quilos de peso naquele corpo que um dia pertencera a um cisne.

Infeliz Dora! Não pude conter a minha piedade ao vê-la gorda, sem a sua antiga harmonia de movimentos, sem a graciosidade de formas, que por longo espaço foi o encanto dos meus olhos. Mesmo no seu olhar já não mais existia aquela ternura de lírios em plena primavera e que tanto bem fazia aos que dela se aproximavam.

Conversamos pouco. O bastante para espedaçar a minha alma e saber que eu retornava de um sanatório, onde deixara encerrado todo o seu belo sonho de levar a existência bailando para os homens.

Quando cheguei a casa, tive remorsos de não ter dito a Dora umas palavras de consolo. De não lhe ter falado, com muita ternura, que eu também era demasiado infeliz.

Mas durante os poucos minutos que conversamos, nada disso lhe pude dizer, porque a agonia de segurar uma pergunta, que a todo custo queria desprender-se dos meus lábios, não me permitiu. Foi uma tarefa ingente a de conter a minha curiosidade em saber dela em quanto ficara a sua estada no sanatório. Estava bastante desconfiado de que Dora gastara bem mais do que eu nos meus estudos de genealogia.

Porém da próxima vez em que nos encontramos, isso não se repetirá. Estou firmemente decidido. Há de me encher de coragem e lhe perguntar o preço exato em que ficou a sua moléstia.

ESPERA



lugar a seu irmão Acácio, passando a ser o segundo.

Mas a morte de sua esposa estava destinada a atrapalhar toda a sua vida. Quis ser novamente o maior D. Juan da cidade, sem se lembrar que a idade lhe trafia. Neste ponto começa a sua odisséia. Passa, como um juden errante, a peregrinar pelas fazendas de seus filhos e sobrinhos, procurando conquistar negras e sobrinhas.

Conta-nos o meu avô que, em certa ocasião, pernoitando em uma fazenda, onde eram numerosas e lindas as moças, coincidiu que o quarto dado ao avô, Pedro Inácio ficasse junto ao de um dos ocupados por aquelas. E como as paredes não chegassem até o teto, alta noite, ele as escalou e saltou. Contudo, não foi feliz no seu intento; não contara com a perspicácia dos donos da casa, nem com uma pequena dispenda que separava o seu aposento do das moças.

No dia seguinte foi encontrado morto, vítima de uma fratura na espinha. Morreu gloriosamente, buscando o amor, entre queijos e cebolas.

Seu irmão Acácio, entretanto, não se casou. Tinha um grande instinto turístico que o levava a perseguir as mulheres onde quer que elas fossem.

Certa vez, pela cidade, passou uma companhia de óperas, cuja prima-dona era dotada de rara beleza. E lá se foi o meu tio Acácio com a atriz, companhia e tudo.

Percorreu vários países, assistiu a mil e tantas representações, aplaudido com um calor sempre renovado a sua bela amante.

Mas como se lhe acabasse o dinheiro e já fossem raros os seus presentes em espécie e papel, foi abandonado, no Havre, onde morreu. Não se sabe se de fome ou paixão. Os da minha família preferem dizer que em razão desta última, pois Acácio é para eles um belo exemplo de fidelidade sentimental. Além de belo, o único entre os seus componentes.

Tito Paulo, o mais moço dos irmãos do avô Pedro Inácio preferia jogar damas, contar anedotas picantes e dar beliscões nas nádegas das escravas. Por limitar as suas conquistas ao ele-

seus irmãos, quando da partilha da herança paterna, de o lesarem, dando-lhe, em vez das melhores partes, as melhores negras.

Nem por isso sentiu-se roubado e dizia sempre, quando alguém lhe queria insinuar o contrário:

— Sou grato a meu pai pelo gosto apurado em escolher suas escravas e a meus irmãos por não lhe reconhecerem essa qualidade...

Combaldado por terrível moléstia (por que não dizer lepra?), que aos poucos lhe arruinava o físico e já sem recursos para tratar-se, preferiu dar alforria às suas escravas a vendê-las. Estas, por seu turno, não o abandonaram e até a sua morte proveram o sustento dele com o fruto de seu próprio trabalho.

Quase agonizante, cercado pelo carinho e pela dedicação de suas mulheres, balbuciava continuamente:

— O outro mundo não me assustaria tanto se me garantissem ser negras as onze mil virgens de Moimé.

Deus meu! Não terminarei minhas memórias. O homem pôe e os seus antepassados dispõem. Acabo de fazer uma descoberta espantosa. Não sou filho de meu pai, nem de minha mãe!

Vim a ter conhecimento dessa desagradável revelação, outro dia, por acaso, discutindo as minhas teorias sobre a hereditariedade com o médico que assistiu o verdadeiro parto da minha pretensa mãe. Disse-me ele, num momento em que as minhas réplicas o punham embaraçado e nervoso, que eu apenas substituíra um aborto.

Como a minha verdadeira mãe não tivesse sobrevivido ao meu nascimento — explicou-me o médico — e fôsse difícil saber, entre os homens que frequentavam a sua casa, qual seria o meu pai, trocaram-me pelo feto da minha mãe adotiva.

Desilusão das desilusões! Agora não posso mais saber a causa da minha atração pelo amor e a razão da minha calvície. E de pensar que nos meus estudos genealógicos gastei seis contos, duzentos e trinta e cinco mil e quinhentos réis, sinto vontade de destruir o mundo.

## OS PEQUENINOS

ENEIDA

Andei lendo o programa da União das Mulheres Francesas no que se refere à criança e tive a comoção natural que esse assunto provoca. As mulheres de França têm como legenda aquele poema de Vitor Hugo que chama os pequeninos para os jardins, as escolas, as escadas, para o dia que nasce e o dia que finda, para as corridas alegres como as das abelhas e que termina assim:

“Minha alegria e minha felicidade, minha alma e meus canticos, irão onde fordes, juventude!”

E o programa constata: “todas as crianças são iguais perante a lei”. Não há mais filhos legítimos e ilegítimos, mas legalização de todos, fazendo de cada criança um ser livre e forte, amando sua pátria, seu trabalho, sua honra e sua vida.

“Meus dinheiro para guerra, mais dinheiro para a educação das crianças”. Isso implica na valorização do ensino, na formação de novos professores, cada vez mais numerosos porque as crianças estão nascendo e crescendo... Menos dinheiro para a guerra e os atos contra o povo. Mais dinheiro para as crianças. Escolas, creches, merendas.

“A cada criança a profissão que escolher e para ela divertimentos sadios”. Fórmula humana, compreensível e justa. Se desde a escola a criança receber ensinamentos que a levem a amar o trabalho e se lhe for assegurada uma instrução boa e formação profissional que corresponda aos seus gostos próprios, que grandes homens, que grandes mulheres teremos amanhã. Divertimentos sadios quem não os pede, quem não os deseja para os seus filhos?

Do programa da UFF para as crianças também consta a reeducação das crianças anormais, empresa que d. Helena Antipoff vem realizando no Brasil, modesta e seriamente.

Cabe muito mais de comentário o programa da União das Mulheres Francesas. É grande e belo para uma crônica que deve ser pequenina e simples. Um programa para as mulheres de qualquer país do mundo.

“Meus canticos irão onde fordes, gurizada!”

# PESTALOZZI E A INFANCIA EXCEPCIONAL

(De MATILDE)

Art. 1.º — Fica criada, com sede no Distrito Federal, para durar por prazo ilimitado, uma sociedade civil, denominada "Sociedade Pestalozzi do Brasil" cujo fim será promover o estudo, o tratamento, a educação e o ajustamento social de crianças e adolescentes, que por seu desenvolvimento mental, aptidões ou caráter excepcionais, necessitem de assistência individual, dentro dum ambiente médico-pedagógico especialmente orientado.

E assim, em junho de 1945, foram aprovados, no Distrito Federal, os Estatutos da Sociedade Pestalozzi do Brasil.

## QUE É PESTALOZZI

Johann Heinrich Pestalozzi, de Zurich, foi um dos maiores educadores do século XVIII-XIX. Tentou renovar o método de ensino dos meninos de caráter intuitivo.

Hoje, em todo mundo, e em todo Brasil existem Sociedades baseadas nos seus estudos.

Com respeito-me a respeito o mais possível as idéias dos Pestalozzianos e não direi sequer um nome, de alta importância o que é insignificante nessa obra magnífica de solidariedade humana que é a chave dessas Sociedades.

Ha quase vinte anos passados, Belo Horizonte contratou uma jovem professora estrangeira.

Nessa cidade foi criada uma Sociedade Pestalozzi e mais tarde uma Escola-Crêche, onde se encontra atualmente por um breve período essa professora estrangeira que tem feito mais por nosso povo do que milhares de brasileiros feitos.

Essa parece não há separação entre mestres e discípulos, não há fronteiras entre Estados ou países, há um permanente interesse em difundir a teoria e a aplicação de Pestalozzi procurando acompanhá-la com o progresso da ciência.

Um dos pontos mais importantes dessas Sociedades é o de criar mestres, e o de criar substitutos.

Em 1945, Belo Horizonte nos cedeu sua cunha e experiência profissional que dirige a Direção Técnica da Sociedade Pestalozzi do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, fundada por um grupo de

médicos, educadores, juristas e pessoas interessadas em dar assistência à infância excepcional.

## A INFANCIA EXCEPCIONAL

De um hospital da Bahia veio um médico que já está dominado por esse entusiasmo consuetivo que faz bem à gente, que nos faz acreditar na capacidade de criação do homem diante mesmo de toda a reação organizada sorrateiramente.

Perguntei a esse médico e discípulo quantos doentes há na Sociedade, os resultados dos tratamentos, o reajustamento desses doentes na volta à "sociedade normal".

— Não há doentes — me respondeu categoricamente.

Fiquei realmente encabulada e felizmente, como bom psicólogo, de esclarecer o assunto:

— Há a infância excepcional. O excepcional pode ser negativo ou afirmativo.

Resolvi intervir e não me meter nas histórias, que depois teria de reproduzir exatamente, o que seria perigosíssimo para mim e para vocês também e resolvi reproduzir esse outro trecho do resumo do relatório de 1947:

A Sociedade do Distrito Federal procura tornar claro que a educação da criança excepcional não poderia surgir e cito duramente, se a assistência a diversas categorias de jovens desajustados seria illusória, se não houvesse a sua educação em um centro pedagógico capaz de promover uma série de medidas, visando dum lado a formação de educadores, do outro a criação de obras e serviços médico-pedagógicos e sociais.

Há cursos noturno de alfabetização, inclusive para adultos. Os moradores dos morros são os principais alunos e muitas vezes a merenda da Sociedade é o único alimento que ingerem durante todo o dia.

Os casos são dirigidos, em maioria por médico-pediatras especializados em neuro-psiquiatria infantil, consistindo em entrevistas com os responsáveis, observações e tests psicológicos das crianças e jovens. Esse trabalho encontra uma grande dificuldade que é a da melhoria das salas e do seu aparelhamento para a exploração da personalidade e aptidões, oram atendidos em 1947, 138 consulentes novos, apesar da falta crescente de espaço.



## VA A GUSTAVO SAMPAIO, I — LEME

São tantos os serviços prestados pela Sociedade Pestalozzi do Brasil que se torna impossível detalhámos como seria de nosso gosto todos os setores de suas atividades.

Há cursos noturno de alfabetização, inclusive para adultos. Os moradores dos morros são os principais alunos e muitas vezes a merenda da Sociedade é o único alimento que ingerem durante todo o dia.

Há sessões de cinema, de teatrinho, de bandinha, ginástica e a oficina onde os alunos que por suas condições de saúde não podem trabalhar noutro meio conseguem, por intermédio de uma assistência bem orientada produzir e vender o objeto de seu trabalho, sentindo-se útil, coordenando seus gestos, aprendendo a viver. Há alunos de 30 anos que começam uma vida nova e parecem descobrir uma certa felicidade, uma certa noção de carinho humano, de responsabilidade diante do seus mestres e amigos.

Há um quadro marcando em cada mês o dia do aniversário de cada criança que é festejado com um picnic, um bolo, etc.

Há uma casa de bonecas onde as meninas aprendem a criar seus futuros lares.

Há uma biblioteca, muito gasta, sinal que é muito lida. Aproveito para fazer um apelo a todas as Editoras para que enviem, pelo menos, um exemplar de suas publicações infantis e médico-pedagógicas. Seria uma excelente publicidade para os livros se de uma utilidade inestimável para a Sociedade. As famílias, cujos filhos já estejam grandes e com seus livros entalhados muitas vezes estragando-se pelos sótãos e porões poderiam oferecer mesmo que fosse um só livro.

A Sociedade Pestalozzi vive de contribuições, da venda de objetos fabricados em suas oficinas, de pequenas mensalidades dos que podem pagar.

Conheço inúmeras mulheres que se enchem de tédio porque não têm o que fazer, porque gostariam de produzir, gostariam de se sentirem úteis. A Sociedade Pestalozzi precisa dessas mulheres e de homens também para a formação de novos educadores. Será o ideal, num futuro próximo quando conseguirem remunerar integralmente todo real colaborador. No momento, infelizmente, esse apelo só poderá ser feito a uma classe privilegiada que ou tenha um horário de trabalho que combine com os diversos serviços ou de pessoas que não precisam de remuneração.

O teatrinho de bonecos, com seus palcos desmontáveis, diverte e educa crianças não só do Leme mas de qualquer organização que o necessite. Seu quadro de marionetistas no entanto ainda é o escasso dificultando as representações que requerem muito trabalho.

Vá à Sociedade Pestalozzi, no Leme e se inscreva como aluna, num dos inúmeros Serviços criados para o amparo à criança.

## O CONGRESSO

Um dos problemas mais sérios da Sociedade Pestalozzi do Brasil, no Distrito Federal é o do internato e semi-internato onde maiores serão as possibilidades para assistência à infância excepcional.

O auxílio do Departamento da Criança, da Legião Brasileira de Assistência e dos sócios beneméritos e a gratuidade dos colaboradores, não permite no entanto a realização de uma escola rural onde, em contato direto com a terra, poderão conseguir resultados diversos.

Por isso estão todos confiantes no Congresso. Por intermédio do Governo, tentará conseguir Cr\$ 500.000,00 para realizar completamente o que dispõe um de seus últimos artigos de seus Estatutos.

Art. 4.º — A ação da "Sociedade Pestalozzi do Brasil" terá caráter humanitário e será baseada no estudo mais objetivo possível das necessidades e possibilidades individuais orientado para o bem-estar coletivo.

R. M.

# ESCOLA DE BALLET

A arte da dança começa a ter entre nós o seu verdadeiro significado. Surgem grupos de jovens, mo-

vimentem-se a Escola Oficial da Prefeitura e o público já começa a ser numeroso para assistir o bailado

que primeiras figuras tanto fazem distinguir.

João de Souza Pinto é um jovem idealista que realiza seus estudos como aluno no Teatro Municipal. Levado por Magda da Gama Oliveira, iniciou seus primeiros passos com o professor Yuko, que lhe dispensava certa atenção, continuando agora com Welchek e Madeleine Rosay, que no momento dirigem a nossa primeira escola de baile. Disciplinado no estudo, praticando exercícios com o mais caloroso entusiasmo, João de Souza Pinto tem participado nos vários concertos que foram realizados no Teatro Ginástico sob o patrocínio do "Serviço de Recreação Operária", mantido pelo Ministério do Trabalho. Teve, assim, a oportunidade de, num espetáculo de portas abertas, dançar para uma grande plateia. Falando em seu repertório destaca a Dança Ritual do Fogo e acrescenta que tomou parte no programa Luiz de Carvalho (Chá das Três), que também levou um grande número de "fans" ao Teatro Carlos Gomes. No momento, prepara-se para visitar S. Paulo onde tomará parte numa série de espetáculos em benefício dos tuberculosos paulistas.

João de Souza Pinto faz ressaltar as possibilidades que o Ballet do Municipal proporciona para os seus bailarinos. Fala na atuação do corpo de baile durante as temporadas líricas e de ballet. Enaltece principalmente as audições extras do domingo a que os admiradores da dança já se vão habituando com o seu horário especial — 10 horas da manhã. Lembra com saudade o professor Yuko, que a seu ver, tinha grandes qualidades para coreógrafo, mas considera imprevisto e fabuloso o professor Welchek, principalmente nas sil-

fadas e no Yapurú. Encara a arte do ballet como um dos nossos problemas mais sérios no terreno cultural. Lamenta que o povo não esteja ainda educado para aceitar a dança, mas acredita que o problema ainda não foi encarado de frente e que urge a intensificação de um movimento nesse sentido: popularizar o ballet, sem cair na falsa arte.

João de Souza fala nas possíveis exposições em praça pública. Lembrou o caso das pinturas agora expostas nas esquinas e nas grandes praças da cidade. Fizemos alarme em face dessa nova possibilidade de incompreensão artística, sim, porque agora se apresenta como arte o que verdadeiramente significa a decadência da arte. As chamadas "marmeladas" estão à disposição de uma população completamente ignorante nesse terreno. Cada vez mais o povo vai ter a oportunidade de se inclinar para a falsa arte, para o mau gosto. Sentimos ter alertado o artista que reside em João de Souza e ouvimos a sua categorica afirmação de que não pretende dançar em praça pública sem que essa exibição seja organizada por verdadeiros orientadores e artistas.

Estava terminada a nossa conversa mas resolvemos dar começo à biografia de um artista que começa sua vida de arte. João Batista de Souza nasceu no Rio de Janeiro, em 3 de setembro de 1931. Dança desde a idade de 12 anos e tem convicção de sua vocação para o ballet. Prepara-se para ser bailarino profissional em sua primeira casa de dança. Estão escritas, portanto, as primeiras linhas de uma carreira que promete os êxitos desejados. E que auguramos para o jovem artista.



do Monumento Feminino. Serdialmente. Y. Souza Pinto. Rio-16.6.45



# Voce não trabalha porque não quer

NICE FIGUEIREDO

Vamos examinar os argumentos que a grande maioria dos homens e muitas mulheres apresentam a respeito da inconveniência da mulher trabalhar fora de casa.

Estava estabelecido como uma questão definitiva e indiscutível que a mulher nascia para reproduzir, criar os filhos e executar todo o causativo serviço que houvesse dentro de um lar. Fora dele, trabalhava o homem. Hoje o que é indiscutível é o fato de que tanto o homem como a mulher podem executar as duas espécies de trabalho, quer doméstico ou não doméstico, pois assim como existem médicos, advogados, professores e funcionárias, existem também, os cozinheiros, encanadores, errados de quarto, errados de sala etc.

A pesar dessa realidade brilhante há quem, nos nossos dias, venha a público afirmar que há uma lei (qual sera?) que determina que o lugar da mulher é no lar. Pode ser o lar em que ela passe fome, porque o dinheiro que os homens (marido, pai, irmão, etc.) não dá nem para comprar comida, mas e nesse lar que a mulher deve permanecer ou para que essa lei só se aplica às mulheres, às filhas e irmãos de mulheres abastados? Então não é lei.

Defendendo este falso ponto de vista dizem que a presença da mulher em casa é indispensável para dirigir e fiscalizar os trabalhos domésticos o que equivale dizer que a mulher que trabalha fora não pode dirigir e fiscalizar a sua casa. Esse argumento já faz uma concessão a uma certa classe de mulher porque determina que elas devam fiscalizar e dirigir e não fazer os serviços domésticos, enquanto outras mulheres para as quais a lei não se aplica como as cozinheiras, arrumadeiras, passadeiras, etc., executam esses trabalhos. Só isto bastava para desmoralizar o argumento. Além do que é falso afirmar que só dirige quem está perto ou presente, porque se fosse assim nenhuma fábrica ou centro industrial, nenhuma grande firma poderia se desenvolver organizadamente se o proprietário ou interessados não estivessem todo o tempo no local de trabalho.

Nenhuma casa exige uma fiscalização permanente, de todos os momentos do dia e da noite, salvo se a dona da casa for uma dessas senhoras maníacas que vivem exclusivamente para matriciar as empregadas e a família com os seus excessos de limpeza e de ordem. Ora, as donas dos palacetes, apartamentos de luxo etc., não fiscalizam em direção via de regra, coisa alguma, pois o tempo mal dá para se abelheirarem, chás, pife-pafe, locket. Por uma coincidência muito explicável são estas as mulheres que mais exaltam as vantagens do lar e o encanto dos trabalhos domésticos. As outras mulheres que não moram em apartamento de luxo, às vezes, porque acreditam que o lugar da mulher é em casa, trabalham muito mais que qualquer homem; sem conseguir dar à sua casa a direção que gostariam ou quando conseguem estão prontas para morrer, porque estas além dos trabalhos domésticos têm uma ninhada de filhos sem babás para cuidar. Se trabalhassem fora ou para fora, executando tarefas menos causativas, poderiam aliviar-se de um tanque de roupa por exemplo.

Finalmente, há as mulheres que mesmo que quisessem não poderiam fiscalizar os trabalhos de seu lar, porque, segundo costumes seculares, estas mulheres nasceram para trabalhar na casa das outras, cozinhar no lar das outras, lavar a roupa das outras e lustrear os móveis da casa das outras, servir bebidas às visitas que jogam, despejar a cinza das que fumam.

E há também as mulheres que não têm o que administrar, pois moram em pensão ou hotel, em quartos de apartamentos, etc.

Em verdade, são poucas as mulheres que vivem exclusivamente para administrar os seus lares, e as poucas que existem têm tempo de sobra para desempenhar uma outra função qualquer.

A fiscalização como a realização dos trabalhos domésticos deve ser encarada como uma necessidade que deve ser satisfeita ordinariamente, assim como pentear-se, lavar-se e vestir-se, pois como estes atos, os trabalhos domésticos são um meio e não um fim de vida, um objetivo para a mulher, a ponto de impedir que ela realize uma outra tarefa, social e individualmente, útil.

# A bela vida de amor e de trabalho de Frantz Liszt

HÁ 62 ANOS ATRÁS, EM 31 DE JULHO, MORRIA LISZT

Josette Lepine

Em 21 de outubro de 1811 nasceu em Raiding, na Hungria, Franz Liszt, um dos maiores ou talvez o maior pianista do século XIX. Pianista, compositor e eterno apaixonado, Liszt iniciou desde muito cedo as três carreiras. Aos nove anos deu seu primeiro concerto público e aos 19 apaixonou-se por uma de suas alunas, a jovem Carolina de Saint Cricq, de 17 anos, que o iniciou na poesia romântica e na vida mundana de Paris, onde ele habitava havia quatro anos. Franz esquecia as horas e as outras alunas e ia sonhar, dia e noite, à porta de sua bem amada. A mãe de Carolina sabia a paixão que unia os dois jovens e talvez, se tivesse vivido mais tempo, conseguisse do marido permissão para uni-los. Mas morreu bruscamente e o sr. de Saint Cricq tornou o arrulho dos dois pombozinhos. Agradecer às lições que Franz dera à filha e anunciou-lhe o próximo casamento de Carolina com o conde de Artigaux. O desejo de Liszt foi enorme: chegou a pensar em ser padre. Seu confessor que o conhecia bem aconselhou-o a glorificar Deus pela música.

Liszt era jovem, curioso. Mas nunca esqueceu Carolina. Muitos anos depois deu um concerto em sua homenagem; tornou a vê-la e soube de seus próprios lábios que ela conservava-lhe seu amor, que sentia-se orgulhosa de sua obra de seu talento e de seu gênio. Liszt compôs pensando em seu fim e puro amor.

Ouvindo o troar das canções em 1830 e apaixonado-se pelas obras humanitárias de Hugo, Lamartine e Saint-Simon, Franz Liszt encontrou novamente o prazer de viver e compoz sua "Sinfonia Revolucionária", dedicada a Lafayette.

Aos 21 anos travou conhecimentos que influenciaram sua obra, sua carreira e sua vida: ouviu Paganini, Beethoven e Chopin e apaixonou-se pela bela Maria d'Agoull.

Renunciando aos concertos, abandonando a glória dos aplausos resolveu trançar-se em seu quarto e só reaparecer em público quando de posse de uma técnica comparável à de Paganini. Durante dois anos condenou-se às escalas e aos exercícios. Essa reclusão forçada iria torná-lo o maior pianista de seu século. Chopin declarou uma vez que Liszt interpretava melhor do que ele próprio, suas baladas e polonesas.

Loura, esguia, culta, a amiga de George Sand, Maria d'Agoull continuava um salão no "Quai Malakou", abandonou o marido, viu-se anos mais velha do que ela sua reputação, sua situação social para seguir Franz Liszt, o belo, o sedutor, o irresistível.

Os dois amantes instalaram-se em agosto de 1835 em Gênova. E viveram uma vida de trabalho e de amor. Liszt compunha, Maria escrevia. Mas o nascimento de um filho se anunciou e a falta de dinheiro tornou-se pesada. Liszt volvia a exibir-se, seus concertos dão novos triunfos. As mulheres belas que o reprovavam, voltaram a admirá-lo; muito se perdoou ao gênio.

Liszt torna a dar lições; é um professor notável, suas alunas são

muitas e principalmente jovens. Maria é ciumenta? Talvez, mas não o demonstra; confia no amor de Franz. Em 18 de dezembro de 1835 nasceu uma menina — Baudine — a quem Liszt dedicou "As campainhas", uma de suas composições.

A vida continua calma até que George Sand vem visitar os dois proscritos e com ela o casal respira o ar de Paris. Por que continuar no exílio? Por que não voltar para Paris? Liszt ouviu falar numa pianista que, segundo as máximas, toca melhor do que ele. Liszt quer enfrentar esse concorrente. Maria alegrou-se, pois está em Gênova como um prêmio na realidade. Ela adoeceu quando ia em direção a Paris com seu escritor



princesa Carolina de Saxe-Weimarsstein. Com ela passará o resto de sua vida. De 1817 a 1836 não se passaram um dia sem que eles se vissem ou se escrevessem.

Carolina é casada e mãe de uma menina de 10 anos, mas, também, deixa tudo para seguir Liszt a Weimar, onde ele se instala. O grande desejo de Carolina é obter a aprovação de seu primeiro casamento pelo Papa, para ter o direito de casar com Franz; mas não o conseguiu. Religiosa, mistig, terá com que Liszt escreva música religiosa e quando toda a esperança do casamento se desvanecer, talvez, sua influência, que ele tivera ordens menores.

Em Weimar, Liszt trabalhou, escreveu suas "Rapsódias húngaras", dirigiu e fez tocar a melhor música da Europa. Sua grande contribuição foi o encontro com Wagner. Este realizara aquilo que Liszt desejava criar. Entretanto, então, todos os esforços para fazer tocar a música de seu amigo. Em Weimar foram feitas pela primeira vez as músicas de Wagner e foi em parte porque o grão-duque não quis construir o Teatro necessário para tocar os ciclos Wagnerianos, que Liszt deixou sua cidade. Fixou-se por algum tempo na Itália e deixou-se vencer pelas belezas dos conventos franciscanos. Escreveu música de igreja, mas os diácos sempre torcem e competem e anão. Parte para tudo para revelar sob seus dedos mágicos sua música e a de seus amigos: Chopin, Beethoven, Wagner, Schumann, o jovem Tardieu.

Sua morte terminou a sua prodigiosa carreira de grande artista e elefo enamorado, em 31 de julho de 1886.

## BALADA PARA O VENTO SUL

Maura de Sena Pereira

O vento sul chegou  
vivendo, guarando, assobiando.  
Chegou  
desfolhando papoulas,  
vergando caules,  
sacudindo polens  
agitando palmeiras.  
As águas se levantaram em có-  
[teras plebéias.

As aves tremaram  
Tremoram  
as pencas roxas da glicínia  
e os gerânios duros dos balcões.

No meio do jardim convulsio-  
[nado,  
—que raporta?— fico de pé  
como uma árvore flexível,  
com as ânsias e os cabelos em  
[desordem  
e as mangas largas voando,  
a parecer uma alegoria do ven-  
[to sul.

O vento sul chegou  
abanando a minha velha casa  
[de garota.

roçando casas,  
virando esquinas,  
levando folhas e arcas nos  
[seus or-bros moles

Sou tua namorada, vento: leva-  
[me também,  
leva-me contigo para longe de  
[mim.



# Livros

## REVISTAS ESTRANGEIRAS

Cultura Política — Filosofia — Ciência

Pedidos pelo Reembolso Postal

### Editorial Vitória Ltda.

Rua do Carmo 6, 13º andar, sala 1.306, Rio

## NOSSA FESTA

MOMENTO FEMININO completará dia 24 do corrente, seu primeiro aniversário. Tem sido uma luta séria e árdua a nossa vida de 365 dias, mas estamos certas de que as mulheres já vão compreendendo o seu jornal e sentindo dele necessidade. Assim teremos em comemoração uma festa ou muitas festas, uma delas á rua Ibituruna que vai ser ótima. Teremos distrações e danças, brinquedos e diversões. Quem quiser pode vir apanhar convites em nossa redação. E todos devem comparecer para prestigiar MOMENTO FEMININO e encorajar-nos a levar para frente esta grande empreitada. Não esqueçam de apanhar os convites, amigas.



# \* Pequeno Mágico \*

No aniversário de um dos irmãos menores, em geral todos procuram mostrar suas habilidades. Os pequenos recitam suas quadrinhas, as irmãs cantam, dançam ou tocam piano, e só o mais velho é que fica sem fazer nada. Pois bem, vamos ensinar ao menino maior, de seus nove a treze anos, como é que pode brilhar também, representando o papel de mágico, distraindo a criança e deixando todo mundo convencido de que tem mesmo jeito para ilusionista.

Vamos ensinar duas "mágicas" fáceis e engraçadas, que poderão perfeitamente entusiasmar os pequenos e, ao mesmo tempo, divertir os grandes. Para a primeira, o "mágico" necessita de um comparsa, com quem deve ensaiar previamente o seu truque. Ele escolherá, portanto, um irmão ou um amigo íntimo, em quem possa ter confiança.

Colocados três objetos diferentes lado a lado numa mesa; por exemplo, um relógio, um livro e um copo), o comparsa e o mágico explicarão que as crianças, na ausência do mágico, deverão escolher um dos objetos, declarando ao comparsa qual o escolhido. Trata-se de "transmissão de pensamento", dirão eles. O mágico retira-se da sala, fecha-se bem a porta, e as crianças escolhem o objeto. O comparsa coloca-se bem em frente à criança, não fazendo o melhor sinal ao "mágico". Mas — agora é que vem o truque — no caso de ter sido escolhido o objeto da direita, o comparsa, ao assumir sua posição de imobilidade, colocará o pé direito para a frente; no caso de ter sido escolhido o objeto da esquerda, avançará o pé esquerdo, mantendo-o imóvel, naturalmente; no caso de ter sido escolhido o objeto do meio, consertará os pés bem unidos.

Chamando então, o mágico aparece, finge concentrar-se e facilmente dirá qual o objeto escolhido. Mesmo que os meninos desconfiem e troquem os objetos na sua ausência ou mudem a posição dos mesmos, isso em nada altera a adivinhação do mágico, que necessita apenas de verificar se o objeto escolhido foi o da direita, o da esquerda ou o do centro, sejam eles quais forem, e que será informado pela posição do pé do comparsa.

O outro truque não necessita de comparsa. O "mágico" improvisado agita sozinho. Antes da festa, e nas escondidas de todos, o mágico escolherá vários objetos inteiramente iguais (chapinhas da garrucha, por exemplo, ou bolinhas de gude da mesma cor e tamanho, ou bolões da mesma dúzia, ou fichas de papéis, recortadas da mesma tira, umas sobre as outras, etc.) e esconderá uma em cada um dos lugares possíveis (é preciso que o mágico tenha muita imaginação e não se esqueça de nenhum escondidinho que possa ser designado pelos meninos da festa) — atrás de cada quadro, por exemplo, dentro de cada jarrahão, de cada pote, de cada gaveta, em cima, e em baixo dos móveis, em baixo dos tapetes, atrás do relógio de parede, etc.)

Na hora do espetáculo (para que tudo pareça improvisado, o "mágico" se fará de rogado, dizendo que não esperava fazer suas mágicas aquele dia, que não preparou seus truques, etc. e acabará concordando) o "mágico" pedirá a atenção da garotada e, mostrando um dos objetos que escolheu previamente, dirá que vai fazê-lo aparecer em tal ou tal lugar, sem sair de onde está, sem chegar perto, sem botar as mãos, só pela sua "Força magnética". As outras crianças é que deverão procurar, no local indicado, e "achar" o ob-

jecto. Dirá, por exemplo: "Vou fazer aparecer esta ficha (ou esta bolinha, ou este bolão, ou esta chapinha, etc.) dentro daquele jarrahão azul". — Inventará algumas palavras estranhas, como se estivesse fazendo invocações misteriosas ("Abacairabas" é uma palavra muito usada pelos mágicos do circo e pode servir), fará uns gestos esquisitos no ar, escondendo cuidadosamente na mão fechada o objeto que quer fazer aparecer, dirá que o "mágico" está feito e mandará que os meninos vão procurar dentro do jarrahão. (É melhor mandar um menino de cada vez, a fim de evitar que, todos juntos, quebrem o jarrahão da Mamãe)... E assim por diante. Pode também pedir que os pequenos meninos indiquem o lugar onde querem que apareça o objeto.

Podemos garantir que seu sucesso será completo e que a criança achará a festa divertidíssima. E, em último caso, o Papai também pode servir de "mágico"...



## Galéria dos Escritores da página infantil

E aqui temos hoje o primeiro escritor dessa página, ou melhor, a primeira escritora, Nêcia Barbosa, de 9 anos de idade que escreveu um pequeno conto. Vamos transcrever e todos os meninos e meninas podem dar o seu "palpite". Dêem-lhe que quer saber o que acham de seus coleguinhas nesse conto que mandou e que se chama:

### Um dia sem norte

Acordei outro dia e logo de manhã, percebi que não ia ter sorte. Estava de mau humor. Queria dormir mais, e mamãe me chamou para ir ao colégio. Já na hora do banho, tudo se complicou. Não achei minha toalha. As meias que queria vestir, estavam furadas. Minha saia do uniforme estava toda amarrugada (por culpa minha pois joguei na cadeira sem arrumar). Quando fui abrir o chuveiro, não tinha água. Fiquei danada. Lavei-me mal e mal.

Mas isso não foi só. Mamãe estava zangada porque o leite havia azedado, o pão estava duro, e não tinha manteiga. Vejam só que dia!

Cheguei ao colégio atrasada e o azar piorou. Levei "pito" da professora, e ainda por cima esqueci o livro de leitura daquele dia. Agora digam vocês se eu não tinha razão de estar amolada de verdade com tanta coisa desagradável!

Em todo o caso, o dia se passou e, de noite na hora do jantar eu já estava até contente porque não tinha acontecido mais nenhum desastre... quando, na hora da sopa, virei meu prato na mesa, me queimei toda, sujei o vestido, a toalha da mamãe, e ainda fiquei de castigo para não ser estovada na mesa. Também fiquei até contente de ir para a cama pois assim acabou esse dia sem sorte!

Nêcia Barbosa

## O QUARTO DA CRIANÇA

Danillo Perestrello

Um ponto sobre o qual as mães não dão o devido valor é a questão do quarto da criança.

Uma regra de Higiene Mental diz que toda criança deve ter seu quarto. Não nos referimos ao luxo de certas mães que compram lindos móveis lacados e arrumam tudo com o máximo gosto. Sabemos mesmo que muitas dessas mães, se bem que inconscientemente, sem o saberem, assim procedem mais para satisfazer sua própria vaidade do que pelo filho.

O que nos interessa são as razões psicológicas do bebê ter o seu ambiente durante os primeiros meses de vida, e mais tarde continuar dormindo sozinho e não com os pais.

Sabemos perfeitamente que muitos não poderão, por motivo de ordem econômica, ter um comodo de casa reservado para o filho. Isso não terá importância se a criança dormir isolada dos pais. Um berço, uma cama de rodas e mais tarde um divã poderão ser colocados na sala de jantar — e este é um comodo que toda casa possui.

Não é apenas pelas vantagens higiénicas da criança não respirar o mesmo ar que os adultos, apertados todos numa só peça, que insistimos na necessidade do quarto do bebê, e não porque a criança entende muito do que parece tão entender.

Ela percebe o que se passa em torno, grava, e o que percebe pode traumatizá-la, pode fazer-lhe mal para o futuro.

Há cenas do quarto dos pais que ficam para sempre agindo na vida dos filhos. Se a maioria delas não são lembradas pelo indivíduo é porque permanecem no inconsciente e por isso mesmo são poderosas forças que levam o indivíduo ao sofrimento.

Não digam: "fulaninho só tem dois anos, pode dormir comigo", pois os psicólogos e psiquiatras sabem que a personalidade da criança começa a plasmar-se muito mais cedo.

Desde os primeiros meses devemos pensar no psiquismo da criança, desde os primeiros dias devemos tomar atitudes segundo as regras da Higiene Mental. Nunca é demais repetir: "a infância é a idade de ouro da Higiene Mental!"

## PALAVRAS CRUZADAS

1	2	3	4
2			
3			
4			

HORIZONTAIS — 1) Habituação — 2) Dignidade militar entre os hebreus — 3) Sensação de aperto na garganta que produzem certas frutas mal amadurecidas — 4) Rezas.

VERTICAIS — 1) Pedra de lousa — 2) Achar — 3) Onde a mamãe guarda as compras da feira — 4) Membros das aves.

Os nossos amiguinhos devem mandar-nos a solução, com idade, nome e endereço, até o dia 30 de julho. Entre aqueles que acertarem, sortearemos um bonito livro de histórias. Serão publicados os nomes de todos os que enviarem soluções certas.

## CHARADAS

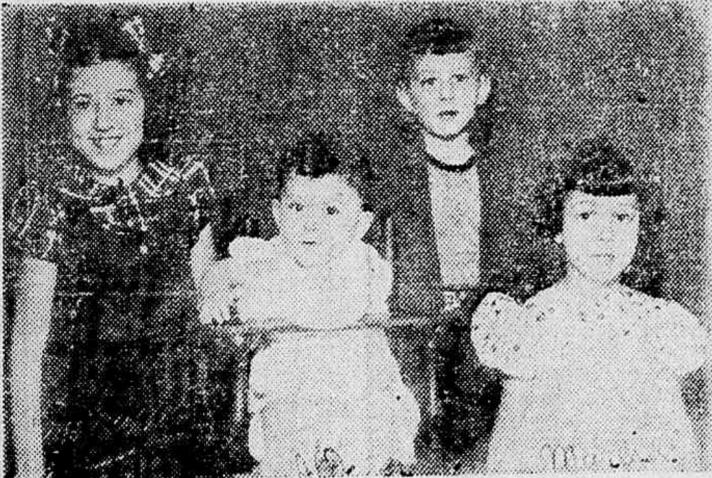
Com o instrumento do pedreiro e os utensílios do pescador fiz as divisões da casa. — Uma e duas.

Ergui a taca na casinha pobre que fica num bairro desta cidade. — Duas e duas.

É muito gostoso este pedaço de doce. — Uma e três.

A criminoso encobre os fatos mas confessa a verdade. — Uma e duas.

Aqui as partículas da terra seca cobriram todo o mar. — Uma e três.



Eglantina Pennisi, nossa amiga de Goiás, mandou-nos o retrato dos seus quatro filhos bonitos: Rosaly, Aldenor, Rogerio e Marci



Léa e Nelma fazem muita questão que vocês vejam as suas fantasias do ultimo Carnaval



# CORTE E COSTURA

## CORTE LIÇÃO V



CINTURA ..... 72  
 ALTURA DA SAIA ..... 64  
 CADEIRAS ..... 100

Para o corte da saia, frente, temos que tirar as seguintes medidas: cintura, comprimento da saia e cadeiras. A cintura do nosso manequim é de 72 cms. A altura da saia mede-se colocando o "centímetro" na cintura, deixando cair o mesmo, até à altura da roupa que se usa.

No modelo que estamos usando, o comprimento da saia é de 64

um metro. A saia que vamos cortar, é formada de 4 partes. Uma costura na frente, outra atrás e duas nos lados. A lição V corresponde apenas à parte da frente.

### SAIA (FRENTE)

Consideremos que só vamos cortar uma quarta parte da saia. Portanto, temos que começar com a cintura... Como dissemos, são 72 cms, dividindo esses 72 por 4, teremos 18 cms. Para riscar o quadrado da saia, pegamos a medida

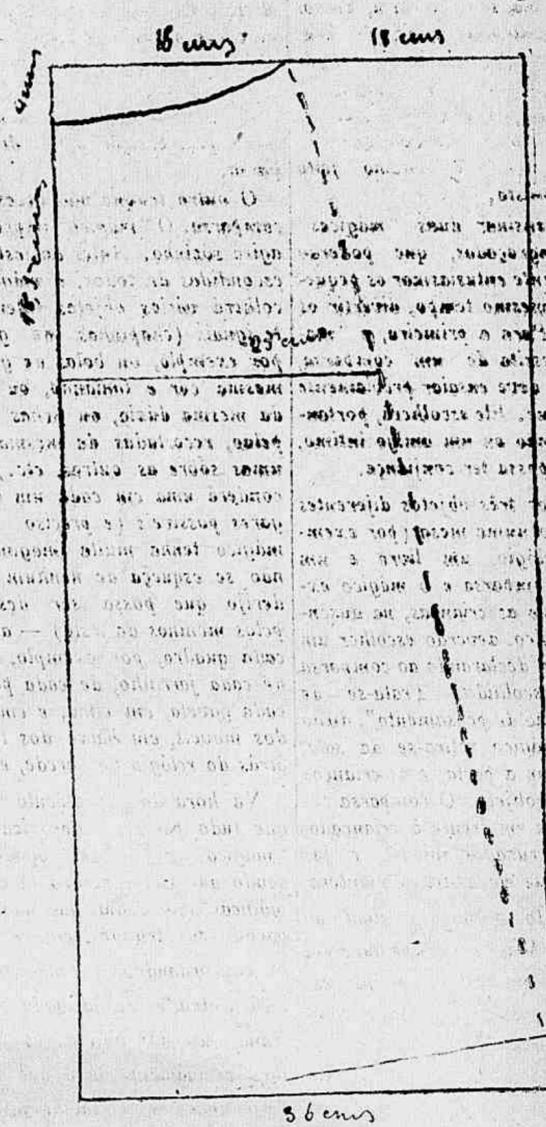
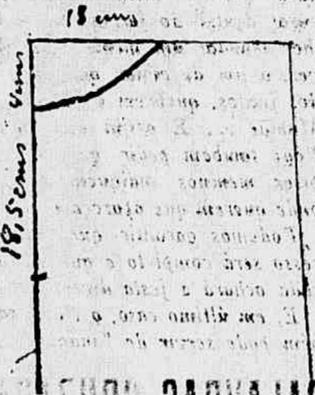
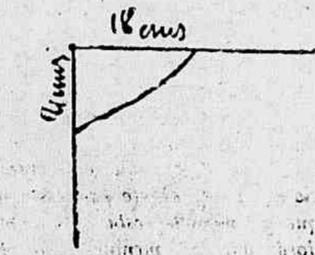
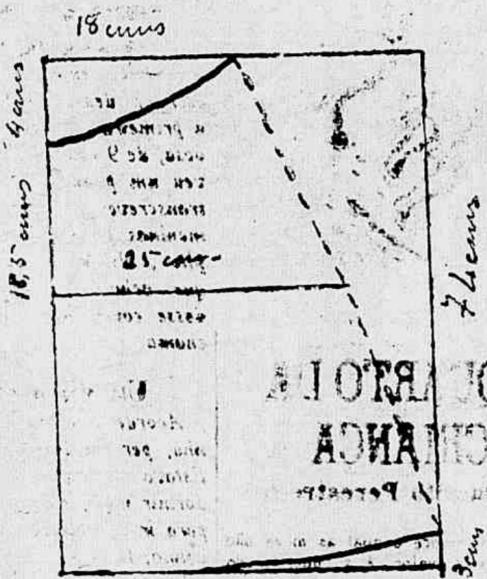
altura desse retângulo é tirada pelo comprimento da saia 64 cms, mais 10, que equivalem a 74 cms. Portanto, sempre que quisermos cortar uma saia de quatro panos, riscamos um retângulo que tenha, de largura, a metade da cintura, 36 cms, e na altura, o comprimento da saia (64) mais 10 cms.

Agora é fácil... Em primeiro lugar, marcamos a metade da lar-

mei para não repuxar... E assim tiramos um traço de um ponto ao outro, ligando a metade da frente aos 4 cms, tirados na altura:

Agora, vamos marcar as cadeiras. Dividida a altura do quadrado por 4 e assim terá 74 dividido por 4 igual a 18,5. Marque a esquerda de cima para baixo a partir do ponto de onde tirou a curva da cintura.

Desse ponto, isto é, nos 18,5, tire uma linha horizontal com 25 cms, que equivale a um quarto do tamanho das cadeiras.



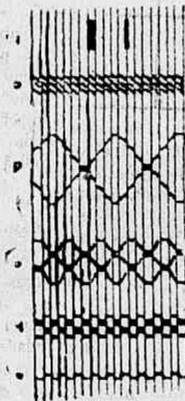
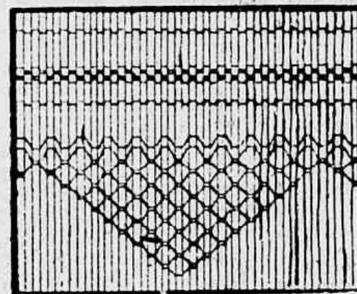
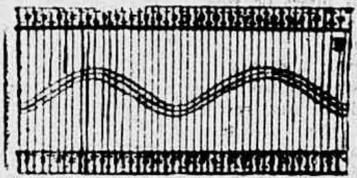
cms. As cadeiras medem-se passando-se o "centímetro" em torno do corpo no lugar mais amplo nos quadris. Em nosso modelo as cadeiras medem, 100 cms, ou seja

da 4.ª parte da cintura é multiplicamos por 2 da 36. Para riscar uma quarta parte da saia, riscamos um retângulo que tem de largura a metade da cintura (36 cms.) A

altura (18) e no lado esquerdo marcamos 40 cms. a altura.

A cintura da parte da frente tem que ficar um pouco cavada no

## ::: NINHO DE ABELHA :::



Com os nossos desenhos, as mães poderão executar facilmente os modelos que apresentamos.

Os lindos vestidinhos com os chamados ninhos de abelhas são

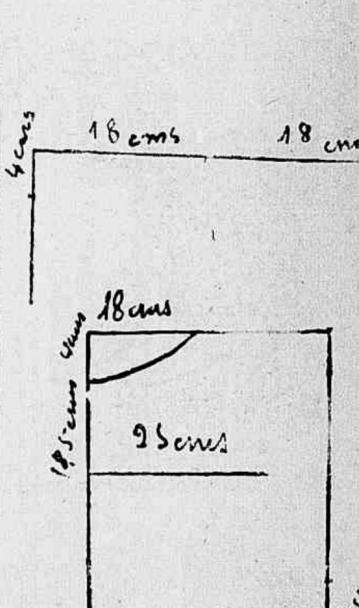
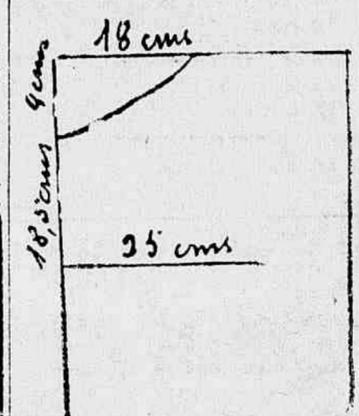
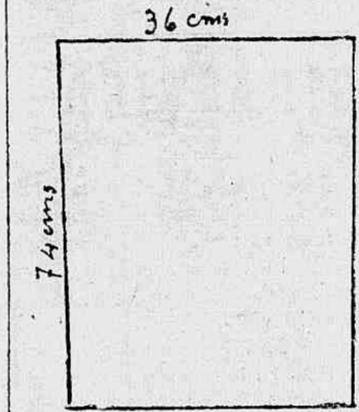
delicados e apreciados nos passeios, nas festas por todas as meninas e suas mães. Então, amigas, o risco é o desenho e os traços verticais marcam os preguiadinhos que formam o franzido-fan-

tasia. Escolha as cores bem combinadas e procure com o seu gosto armar um conjunto bonito.

Qualquer dúvida, escreva para o seu jornal e conte sempre com a nossa ajuda.

Assim dividida 100 que é a medida das cadeiras, tire uma linha de 25 cms. Na linha de baixo do quadro marque a direita de baixo para cima 3 cms

É aqui temos uma parte da saia. Veja o molde pronto na outra página. A regra para cortar as saias de quatro panos é sempre a mesma.



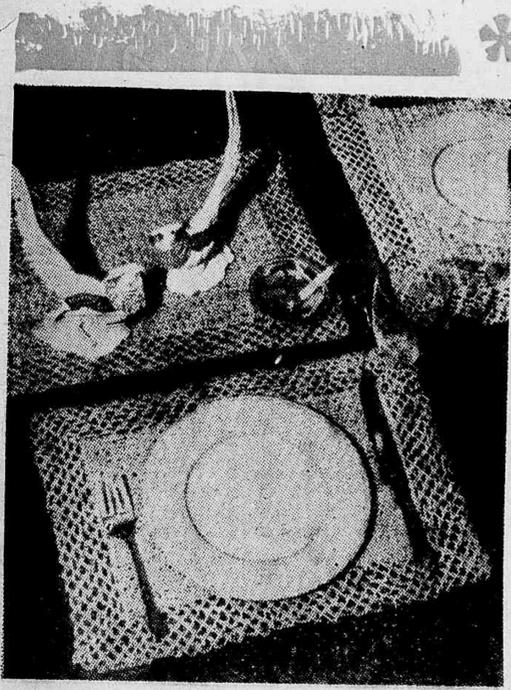
Especialidade em Roupas de Senhoras e enxoval para casamento e batizados

### Joaquina Elias

MODISTA

Rua Dagmar da Fonseca n.º 110 -  
 'n n.º 103 - Madureira - Rio

# ARRANJOS DO LAR



O velho crochet das vovozinhas ainda hoje tem sua razão de ser. Na mesa bem limpa (você mesmo pode encará-la) esses pequeninos guardanapos de qualquer fazenda rodeados de crochet, em laixo de cada prato, dão um ar de beleza ao seu almoço ou jantar. Experimente e verá como vai gostar.

# NOSSOS MODELOS



Beleza

... Jules Renard, o escritor francês, descrevendo a vespa no seu livro "História Natural", disse: Cuidado! sua cinturinha vai quebrar! A moda atual deu-nos como obrigação a cintura de vespa e a silhueta atual vai aqui com a legenda de Renard: — "Cuidado! Você vai quebrar". As casas de moda encheram-se de cintas que diminuem o tamanho da cintura e não raro se ouve, nos ônibus ou nos cafés, rostinhos preocupados que perguntam: — Quantos centímetros a sua diminuiu? — Quatro e você? Não se sabe ainda o que pensam os nossos amigos homens sobre essa finura de cintura e essas cintas. Mas as mulheres em sua maioria estão encantadas. Afinal elas são outras neste inverno.

## GINASTICA

Propomos hoje a vocês quatro movimentos de ginástica. Serve para o bebê para a mamãe, para o papai. Para o bebê não se exija perfeição nem disciplina. Mamãe e papai devem fazer os movimentos rigorosa e seriamente:

- 1) Pernas abertas, mãos nos ombros, abra os braços horizontalmente faça esse movimento, chupando a barriga 5 a 10 vezes.
  - 2) Mãos para o alto, corpo rígido, desça as mãos até o chão (o bebê pode fazer como na gravura 2) 5 a 10 vezes.
  - 3) Braços abertos, movimento giratório. Papai e mamãe devem ficar com as pernas bem retas e fixas no chão (5 a 10 vezes).
  - 4) Um pouquinho de barra; o bebê pode fazê-lo na sua cama. Papai e mamãe não terão a alegria deste 4.º número. É privilégio do bebê.
- E não esqueçam que toda essa ginástica deve ser feita com as janelas abertas.



O ser gorda ou ser magra é uma das dúvidas que a mulher mantém; dúvida e também preocupação. No começo do século XX ser gorda era ser bela. Até hoje ouvimos dos mais velhos esta saudação:

— Você está bonita tão gorda! Quando preocupa-nos a chamada linha da elegância, que

é a linha da beleza, a saudação dói como uma afimada. Nesta primeira crônica de uma série de três que virão, as amigas vão encontrar: 1.º — os pesos e medidas necessários à beleza física. Falaremos depois nos regimes e daremos pequenas lições de como se mantém a elegância do porte.

Vamos ver quais as medidas que você deve ter, de acordo com o seu peso e sua altura.

ALTURA	PESO EM Kg.	BUSTO	QUADRIS	CINTURA	BRAÇOS	COXAS	PESCOÇO	TORNOSSELOS
1m. 50	51.	78	82	60	25	45	31	31
1m. 52	51.500	79	83	61	25.3	45.6	31.4	31.4
1m. 54	52	80	84	62	25.7	46.3	31.8	31.8
1m. 56	53	81	85	63	26	47	32.2	32.2
1m. 58	54	82	86	64	26.3	47.6	32.6	32.6
1m. 60	56	83	87	65	26.7	48.3	33	33
1m. 62	57	84	88	66	27	49	33.4	33.4
1m. 64	58	85	89	67	27.3	49.6	33.8	33.8
1m. 66	59.500	86	90	68	27.7	50.3	34.2	34.2
1m. 68	60.500	87	91	69	28	51	34.6	34.6
1m. 70	62.500	88	92	70	28.3	51.6	35	35
1m. 72	63	89	93	71	28.7	52.3	35.4	35.4
1m. 74	64	90	94	72	29	53	35.8	35.8
1m. 76	66	91	95	73	29.3	53.6	36.2	36.2
1m. 78	67.500	92	96	74	29.7	54.3	36.6	36.6
1m. 80	68.500	93	97	75	30	55	37	37

Alinha da moda mudou; em 1945 as roupas exigiam uma finura excessiva e o busto era obrigatoriamente pequeno. Hoje a moda engordou as mulheres se bem que exija cinturas mais firmes e não ficará bem a uma gorda o uso das anagões de babado. Mantenha seu peso de acordo com sua altura, essa a exigência necessária e veja se suas medidas condizem com o nosso quadro. Beleza é também saúde. IZADORA



Os fabricantes de vernizes lançaram para este inverno cores claras e brilhantes que tornam realmente as mãos mais jovens e os gestos mais simples. As mulheres não devem esquecer o tratamento das mãos pois elas são complemento indispensável à elegância e à beleza.

# NOSSO GAROTO

Uma história para os nossos pequeninos

## CUI-CUI, O RATINHO TEIMOSO



Era uma vez um ratinho en- zento, chamado Cui-cui, que morava dentro de um buraco da parede, em companhia da mãe, uma grande rata de bigodes muito compridos, chamada D. Rórrói. Cui-cui era o ratinho mais bonitinho que havia pelas redondezas. Mas tinha seus defeitos. Era curioso. E pior ainda: era também desobediente e teimoso. Ele não se conformava em viver dentro do buraco, e queria espiar o que havia lá por fora, como certos meninos que não se contentam em ficar atrás do portão e dão a vida para ir para a rua...

A mãe, D. Rórrói, vivia dizendo: — "Você aqui dentro está muito bem, meu filho. Nada lhe

falta! Boa comida que eu lhe trago, histórias bonitas que eu lhe conto, e quando quer brincar, tem os seus amiguinhos, filhos de minha co-riadre D. Ratazana, que moram no buraco vizinho. Lá fora só há perigos: ratoeiras armadas para pegar os ratinhos, e um gato malvado chamado Bichano que se agarra a você, engole num só bocado

Pois apesar disso, uma vez, aproveitando o momento em que D. Rórrói estava muito ocupada, arrumando a casa, Cui-cui foi de mansinho, sem fazer barulho nenhum, enfiou o focinho pelo buraco, espiou lá para fora, achou tudo uma beleza, e então não resistiu. A curiosidade, a desobediência e a teimosia puxaram Cui-cui para fora do buraco.

Era uma sala muito grande, e Cui-cui arregalou os olhos, pois nunca vira tanto espaço. Foi an-



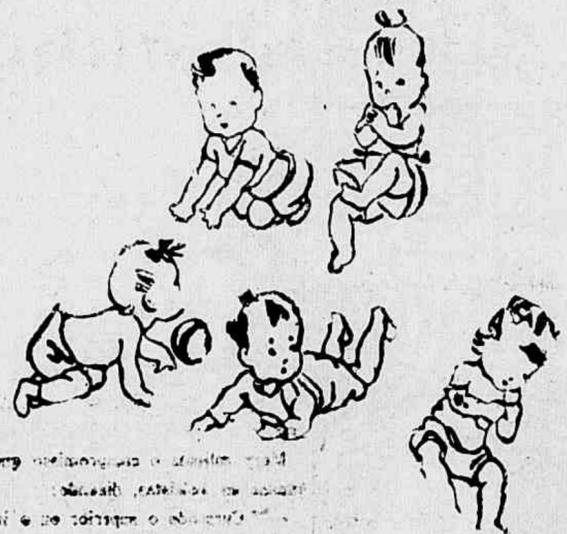
dando, e logo avistou no chão uma coisa que lhe despertou ainda mais a curiosidade. Era uma coisa engraçada, com um ferrinho levantado, e que tinha bem no meio um delicioso pedaço de queijo. Cui-cui chegou pertinho, e chegou pertinho, chegou pertinho... e zás! Caiu na ratoeira. Começou a gritar como um desesperado. Minha mãezinha me acuda! Minha mãezinha me acuda!" — D. Rórrói ouviu os gritos e correu assustada. Mas ela sozinha não podia levantar o ferro que estava quase estrangulando Cui-cui. Então chamou a comadre, D. Ratazana, que era muito grande, muito gorda e muito forte, e, juntas, as duas conseguiram salvar Cui-cui da ratoeira.

Cui-cui voltou ao buraco, e ficou de castigo pela sua desobediência. Mas nem assim aprendeu a lição. Quando sarou a ferida feita em seu pescoço pela ratoeira, só pensou em sair novamente do buraco.

E quando D. Rórrói estava fazendo o jantar, Cui-cui meteu outra vez o focinho para fora do buraco, espiou de um lado e do outro, e então a curiosidade, a desobediência e a teimosia o puxaram novamente.

Mal entrou na sala grande, viu um bicho muito grande, muito peludo, com olhos brilhando como duas brasas acesas, que abriu a boca enorme e fez: — Miau, miau, miau! E zás... Pulou em cima de Cui-cui, agarrou-o na pata e ia meter-lhe o dente, quando Cui-cui pediu socorro: — "Minha mãezinha me acuda! Minha mãezinha me acuda!" — E D. Rórrói, muito aflita, correu em auxílio de seu filho teimoso. Quando o gato Bichano viu D. Rórrói, que era grande e gorda, deixou de lado Cui-cui, que era pequeno e magrinho, e correu atrás de D. Rórrói. Cui-cui meteu-se dentro do buraco, muito assustado, chorando. D. Rórrói correu daqui, correu dali, com Bichano atrás dela, e, conseguindo enganar-lo, pôde salvar-se por sua vez e chegar em sua casa. Estava suada, muito cansada, quase sem poder respirar. Então Cui-cui, quando viu que por culpa de sua curiosidade, de sua desobediência e de sua teimosia quase tinha perdido, primeiro a vida, depois sua mãezinha, resolveu tomar juízo.

Nunca mais teimou, e viveu contente em sua casa, brincando com os filhos de D. Ratazana, até que ficou por sua vez um rato grande e forte, que podia sem perigo sair para conhecer o mundo.



## PARA AS NOSSAS MENINAS

Um lindo presente para um recém-nascido

Vamos ensinar à irmãzinha mais velha como fazer, com suas próprias mãos, o que lhe dará maior valor e gastando muito pouco, um gracioso e original presente para o maninho que vai nascer para os priminhos, os irmãos das amigas, o possível afilhadinho.

Compre-se, antes de mais nada, um desses bonecos de celulóide, que têm as pernas juntas e inarticuladas, uma carinha de cupido, uma chuça-chuça e olhos espantados. Vocês sabem de que espécie de boneco de celulóide pode servir, mas haverá sempre o inconveniente de que o talco escorra pelas articulações das pernas. Talco? Perguntarão vocês, admiradas. Sim senhoras, talco, porque o presente a que me refiro não é nada mais do que um depósito de talco, em forma de boneco, para substituir as latas anti-estéticas, além de despertar a atenção e a alegria do nenem. Comprado o boneco, faz-se uma cavidade redondinha no meio das costas, um pouco abaixo da cintura, de maneira a que essa cavidade seja coberta, pois, pelo saíote que vou ensinar a fazer. Fecha-se essa cavidade, bem direitinho, "hermeticamente" (vocês sabem o que quer dizer "hermeticamente"? Pois se não sabem, é uma boa ocasião para consultar um dicionário e ficar conhecendo mais uma palavra de nosso idioma), com uma pequena rôlha, que deverá ser encaixada de maneira a se poder tirar e botar tôdas as vezes que for necessário renovar a provisão de talco dentro do boneco. Faz-se a seguir, com a ponta de um alfinete meio rombudo, vários furinhos nas nádegas do boneco (cerca de seis a oito furinhos de cada lado). Por isso aí é que sairá o talco, agitando-se o boneco como uma lata comum.

Agora vamos vestir o boneco. Com um pedaço de fita, um retalho de tafetá, seda, filó, organdi ou mesmo opala (conforme o material de que vocês possam dispor, de preferência sem fazer despesas, reinexendo na cesta de retalhos da Mãe — com licença dela, naturalmente) vocês farão o saíote. É muito fácil. Bastará cortar uma tira de cerca de três a seis dedos de largura, conforme o tamanho do boneco, e cujo comprimento pode variar entre 30 e 70 centímetros, sendo que deverá ser maior se vocês quiserem fazer o saíote duplo ou triplo, como os das bailarinas. Façam uma bainha numa das extremidades (ou cosam uma rendinha bem estreita), unam as duas pontas da fazenda (ficará um grande círculo) e frazam a outra extremidade, com linha bem grossa ou linha comum, dupla. Puxem o franzido, por igual, em volta da barriça do boneco, apertem bem para a saia não cair, e arrematem. Podem terminar em cima com uma fitinha estreita, presa com alguns pontos invisíveis, para o trabalho ficar mais perfeito. As cores mais aconselhadas para o saíote são o azul, o branco, o rosa, o creme e o amarelo claro, ficando também bonito um estampadinho miúdo, em florinhas, com um resto da fita ou da fazenda do saíote um lacinho, que enfiarão, com um alfinete, na cabeça do boneco. Enchem o boneco de talco fino e perfumado, e está pronto o presente, baratinho e de muita vista, para um recém-nascido. Garanto que as mães é que vão gostar, e que todos louvarão o trabalho. As que souberem fazer tricô ou croché podem fazer o saiotinho em lã trabalhada, que ficará também muito bonito, e, nesse caso, substituirão a fita da cabeça por uma touquinha do mesmo material.

Mais uma sugestão: fica um encanto o saíote em lã penteada, bem desfiada e arrepiada por um pente de ferro ou ponta de alfinete. Nesse caso, o boneco ficará parecendo uma grande pluma de pó de arroz.



Helena Calábria de Ube, com um ano de idade

# Conversando com as alunas da Escola Nacional de Educação Física

O TRANSPORTE É O TORMENTO DE MUITAS — CADA ESTADO, CADA ORDENADO — DEFICIÊNCIAS DA ESCOLA, ETC. (DE MONI)

Cêrea de 150 alunos tem a E. N. E. F., entre os quais grande número de moças vindas dos Estados.

Visando conhecer seus problemas e colher suas impressões, fomos entrevistá-las.

Dirigimo-nos a um grupo que conversava durante um intervalo das aulas.

Do Maranhão e do Amazonas ali estavam Elvira, Iris e Marj.

Disse-nos Elvira:

— "O que mais causa neste curso é o transporte. Moro em Lins de Vasconcelos. Tenho de levantar às 5 horas para não chegar atrasada".

— "É em que preciso fazer duas baldações... interveio Abigail. Moro em Olaria. Vim no trem de Leopoldina, tomo um bonde até a Lapa e outro até a Escola".

Abigail veio da Paraíba. Um curso de emergência, do qual participaram 46 moças foi realizado naquele Estado. 18 deveriam permanecer na Capital e as outras iriam para o interior. Este curso realizou-se em junho do ano passado.

— "O curso ficou em nada, lamenta Abigail, apesar das promessas as alunas não foram aproveitadas nem na Capital nem no interior. Particpei do curso e tirei sorte em vir este ano como bolsista".

Dr. Waldemar Areo, catedrático da Universidade, interessou-se um instante pela conversa e, referindo-se ao não aproveitamento dos técnicos em educação física, comentou:

— "O problema é o mesmo em todos os Estados".

— "Minha irmã, por exemplo, acrescentou Abigail, fez o curso nesta Escola e passou seis meses sem conseguir

colocação. Afinal desistiu de trabalhar na Paraíba e conseguiu um emprego em Recife".

As alunas, vindas dos Estados, recebem uma bolsa de 1.200 cruzeiros. Algumas frequentam o curso infantil e outras o superior. Preparam-se assim para o ensino técnico de educação física em escolas primárias e secundárias.

Marj salienta o compromisso que assumem as bolsistas, dizendo:

— "Curso de superior ou o infantil nos obrigam a um contrato inicial, por determinado tempo, com o Estado de onde viermos. Quer dizer: se encontrarmos aqui um bom emprego não poderemos aceitá-lo. Ou ainda, se não voltarmos ao Estado teremos de indenizar todas as despesas.

Augusta veio de Goiás. Acha que a alimentação é o problema número um das bolsistas.

Disse-nos ela:

— "A gente mora nessas pensões e é uma coisa horrível. Se não moramos em pensão, moramos em pensionatos. De qualquer forma a queixa sobre alimentação é geral. Aliás dizem que há um projeto de mudar a Escola para a Praia Vermelha. Neste caso é possível que haja internato e fique solucionado este problema.

Em pensão, em casa de família ou em pensionatos as bolsistas pagam em média 750,00 cruzeiros.

O horário das aulas é de 8 às 12. A Escola fornece uma merenda diária que consiste num copo de leite e um "sandwich".

Uma jovem comenta:

— "O ano passado a nossa situação

era muito pior. Imagine que a bolsa era de apenas 500,00 cruzeiros".

A E.N.E.F. funciona em dependências do Instituto dos Surdo-Mudos. Iris decepçionou-se com isso. Disse-nos ela:



— "Pensava que o prédio fosse muito melhor".

Emilia, uma gaúcha que mora em Niterói, levou-nos a percorrer as diversas instalações.

Em toda parte encontramos surdos e mudos, meninos e rapazes. Alguns tentavam comunicar-se conosco através sua linguagem de gestos. Um garotinho entregou um papel a Emilia que o leu

distraída, atirando-o fora em seguida.

— "Estão constantemente a nos olhar e as vezes nos entregam bilhetes que não merecem ser lidos, disse-nos ela. "Pensei que tivesse deixado cair algum papel e por isso aceitei".

Itamar Meema veio da Bahia. Nasceu na cidade de Castro Alves e pretende trabalhar no interior.

Margarida, outra baiana, conta-nos que o ordenado das professoras primárias na Bahia é de 800,00.

Em geral as professoras primárias dos diversos Estados são muito mal remuneradas. O depoimento das bolsistas confirma isto:

Disse-nos Elvira:

— "Na volta, se fomos classificadas no quadro de professoras primárias de 1.ª classe ganharemos 900,00 cruzeiros".

Quanto a Paraíba, informou-nos Abigail:

— "Uma superintendência de educação física corresponde 700,00. E as professoras primárias ganham inicial-

mente 370,00 cruzeiros. As de educação física recebem também este ordenado." E vem nossa admiração: "Não é de espantar, pois as diretoras das escolas primárias ganham no meu Estado 800 ou 900 cruzeiros". E concluiu: "Nem por isso a vida lá é mais barata. Pelo menos a alimentação posso garantir ser mais cara que aqui.

Dione, uma cearense, nos informa que em seu Estado o ordenado inicial para as professoras primárias é de 500,00 cruzeiros.

A gomeia Augusta conta-nos que lecionava há 10 anos. Recebe atualmente 900,00, tendo começado com 320,00 cruzeiros.

Muitas dessas alunas eram professoras em seus Estados. Algumas continuam recebendo os ordenados. Outros Estados, raríssimos, deram uma pequena ajuda de custas quando vieram as bolsistas.

Com tudo, vê-se que não há um critério igualitário. E a nova impressão é que muita coisa precisa ser solucionada para que as bolsistas possam encontrar na E.N.E.F. e nos Estados de procedência, condições que correspondam ao seu esforço e a aplicação do seu aprendizado.

## SOCIAIS



### UMA DAS NOSSAS AMIGUINHAS



Dolores Pimenta Gora, filha de Elza Pimenta Gora, segunda secretária da Sociedade das Damas de Casa de Voz Lobo e



Determinada a fazer os seus estudos, fez anos no dia 9 do corrente. Ela e sua mãe, nossa amiga Solange, comemoram aniversário no mesmo dia. É uma festa dupla no lar Barros, em São Cristóvão.



## Anunciem em "MOMENTO FEMININO"



família de Glen Ford. O papai e a mamãe são artistas de Cinema



Uma cena do filme brasileiro "OBRIGADO DOUTOR"

### RESPONDA AO NOSSO QUESTIONARIO

Lê nosso jornal .....

Que página prefere? .....

Gosta do Romance? .....

Que seção prefere? .....

Que coisas lhe interessam sejam publicadas? .....

Qual é a sua opinião? .....

Quais as suas sugestões? .....

Nome ou pseudônimo ..... Cidade .....

Profissão ..... Residência.....

# GRAFOLOGIA

GILDA

— RASTIGNAC — Sua capacidade de luta é extraordinária, mas há uma certa coação ou constrangimento que impede a sua manifestação absoluta. É muito sentimental e eguista, ambicioso e combativo, argente nos sentimentos e delicado no trato. Muito ciioso de sua comodidade, todavia, procura protegê-la sempre com desvelos excessivos. É ciumento e desconfiado.

— MARIA LÚCIA — Rio — Sensibilidade extrema, sentimentalismo e ternura. Muito romance na imaginação, muita névoa nas suas perspectivas, muita energia desperdiçada... Sua capacidade de ação tem sido cerceada por terceiros aos quais presta obediência cega. É supersticiosa e tímida. Mas, muito boasinha...

— FERNANDA — Energia, perspicácia, sensibilidade artística, tendência intelectual, certo exclusivismo sentimental, brandura de expressões e força de vontade. Nervosismo devido à desambentação em que vive, sufocando suas aspirações e preferências. Inteligência promissora.

— ANTONIO PIO — Rio — Estranho como parece, acredite se quiser, o senhor é um romântico, um sentimental, um grande piegas, cheio de lágrimas na voz e nos olhos, capaz de soluçar como uma criança se lhe foga o amor... É um grande realizador, extraordinariamente enérgico, muito bravo e leal. Superior compleição psicológica, na qual predomina a afetividade. Sabe muito bem fazer amigos e ainda melhor desarmar os inimigos. Perfeito contrólhe próprio, sagacidade e bom humor. Senso estético apuradíssimo e grande apêgo às comodidades patriarcalis do burguês "bon vivant".

— ROSA DE ESPERANÇA — Rio — Sua letrinha revela uma delicada sensibilidade, uma vida rotineira, suave e cômoda, com a qual, todavia, a sua natureza combativa não se coaduna perfeitamente. Você aprecia os grandes homens de ação, os grandes realizadores, os pioneiros de idéias ou movimentos e na sua sinceridade abomina o vulgar e o banal, sem perceber que magoa os circunstantes. Você vive fóra do meio que deseja, tal como uma flor de estufa que viceja artificialmente...

— CIGANA BONITA — Rio — Você é uma temperamental incorrigível. Cheia de fantasias ardentes, de aventuras ideais, não se detém particularmente numa só impressão, gosta das variedades, mas tem um tipo de ideal que a absorve; um tipo superior que se acha fora do seu alcance e por isso, vai divagando levemente. É muito vaidosa, caprichosa, metódica e tem uma afetividade extraordinária, uma grande capacidade de dedicação e mesmo de sacrifício por aqueles a quem ama deveras.

— ESTRELA DALVA — S. Paulo — Você é um artista, uma sensibilidade delicadíssima, um grande coração aberto a todas as coisas belas e grandiosas da vida. Sua tendência é realmente intelectual, você poderá ser uma escritora notável ou uma pintora personalíssima. É comedida, sensata, educada e muito calma. Não é de briga...

— DIDI — Você é nervosa e ciumenta. Desconfiada e supersticiosa como que. Não gosta de ralhos, nem sermões, considera-se inatacável e nunca reconhece que errou... Muito vaidosa, seus complexos de superioridade destroem-lhe muitas das boas oportunidades que se lhe apresentam. É nervosa e inquieto, muito versátil nas opiniões, embora aparente imobilidade no mais das vezes. É irrefreável nas suas decisões e nunca se arrepende delas, mesmo que se lance num abismo...

— IZADORA A ESPERANÇA — Rio — Você é um potencial de energia, de inteligência, mas esta verdadeiramente conovetida. Precisa ler muito. Lê bons livros que lhe abram horizontes desanuviados e luminosos, afastando-a do reflexo das estrélas na superfície dos pântanos. Sua capacidade de comando, de persuasão, de domínio mesmo, expandir-se-ão vitoriosamente. E então a sua personalidade definida e marcante inspirará poemas mais arduos do que este que você escreveu para o seu galá fugidio...

— J. LEMA — Rio — Sarcasmo. Egoísmo. Indiferença pela dor alheia, ainda que sob pretexto filosófico (aquele famoso "dar esmo-las é uma indignidade" que serve de desculpa a muito pão duro neste mundo). É inteligente e sagaz, muito objetivo e capaz de realizar grandes empreendimentos. Grande sentimental e romântico, adora a música... e a dança.

— MAGRICELA — Rio — Sua letra revela serenidade. Senso estético, espírito de ordem e disciplina. Muita calma e método em suas atividades. Programas traçados previamente com todas as cautelas e previsões. Grande poder de atração, simpatia. Diz que não é supersticiosa, mas a sua letra desmente... Você tem temores infundados e recebe influências estranhas e até mau olhado... Mas raciocina lindamente e será capaz de chegar pela inteligência a grandes triunfos. No campo sentimental é uma rainha, magestosa e soberba, que se deixa adorar... Muito egoísta, só recebe homenagens e se as faz, nunca é de muito boa vontade. Todavia, é ciumento e não admite concorrência...

— ECC — Rio — Você é muito egocêntrica. Julga-se o centro da gravitação universal e não compreende como toda gente não pense da mesma forma. É muito suave, todavia, o seu modo de ser. Seu procedimento não deixa margem a uma sujeita sequer daquele estado de espírito. É muito inteligente e capaz de desembaraçar-se daquele errôneo modo de ser, porque você é uma partícula de um todo e não o todo em si. E como partícula precisa ceder à sua palpação com o conjunto em que vive para realizar a harmonia que há de resultar em eficiência. É romântica, sentimental e delicada de sentimentos. Mas sua educação desviou-a da realidade. Reconhecendo a sua capacidade intelectual, você se envaidece e descamba para a vaidade descomedida...

— ZAZÁ — Rio — Você é maravilhosa, discreta, hábil e decidida. Um pouco malcriada, também. Sabe reagir com energia arrebatada se alguém a ofende. É uma gatinha dengosa, cheia de tregeitos amorosos, quando a acariciam e não deixa de arranhar também a um gesto incauto... Sua perspicácia, sua acuidade ou penetração das coisas fazem-na extraordinariamente disfarçada aos olhos interessados que procuram devassar-lhe a alma... É uma criaturinha amável e encantadora.

— XANTIPA — Rio — Você é ativa e sensata. Diligente e razoável. Muito capaz de ação e de persuasão. É romântica, também, e sabe sentir as coisas belas com emoção. Sua independência de raciocínio é notável e você já sente a vida de um modo muito completo, para a sua idade. Parece que suas diretrizes são os da razão efetiva.

E isso a recomenda à respeitosa admiração das pessoas de bom senso. Continui, Xantipa, o Brasil precisa de gente assim.

— KATIA — São Paulo — Grafologia não advinha o futuro, meu bem. Nem ao menos posso dizer-lhe que você vai casar com o homem a quem ama! Sinto muito. Mas vou estudar a sua letra dizendo-lhe que ela revela uma ingenuidade encantadora, um espírito criança, cheio de claridade a justiça, cheio de esperanças e sonhos. Você é muito inteligente, também, e na sua extrema delicadeza de sentimentos encontrará um vasto campo para agir eficientemente num sentido humano e construtivo, em qualquer ramo de atividade que adotar. Tem

ASSINE  
**MOMENTO Feminino**

3 MESES . . . CR\$ 12,00  
6 MESES . . . CR\$ 22,00  
12 MESES . . . CR\$ 40,00

Pedidos para a Gerente  
**Luiza Regis Braz**  
Caixa Postal, 2013  
RIO DE JANEIRO.

## Por que a U.F.F. não participa da coleta do Fundo Internacional de Socorro à Infância

As informações publicadas no boletim do Comitê Nacional de Fundos de Socorro à Infância, a U. F. F., tem a esclarecer que não aceita participar da coleta organizada a 30 de Maio. Por que?

1.º — A U. F. F., considera que se se faz um apelo às famílias francesas, já tão castigadas pelas dificuldades, seria normal que a maior parte dos fundos arrecadados fosse dada:

— às escolas, aos escritórios de beneficência, às cantinas escolares, cuja situação é lamentável.

— às Municipalidades para as obras da Infância, dispensários, creches, colégios de férias, hospitais, maternidades, etc.

— Ora, o que se verifica na repartição dos fundos arrecadados:

a) As escolas leigas só poderão obter 25% sobre os fundos, arrecadados pelos alunos.

b) Não se trata absolutamente de auxiliar as municipalidades. No entanto, escolas e municipalidades apresentam enorme vantagem de oferecer todas as garantias concernentes ao controle dos fundos.

2.º — A U. F. F., não se opõe a que uma parte dos fundos ajude o selo anti-tuberculoso, mas julga incorreto que milhões sejam repartidos automaticamente por organizações tais como a "Entrada Française", a Cruz Vermelha e a U. N. A. F.

3.º — A U. F. F., protesta contra uma proposta feita pelo Comitê Nacional da Grécia (presidida pela rainha da Grécia), apoiada pela Inglaterra, que permitia utilizar uma certa parte dos fundos, para socorrer um país ou outro, por intermédio do F. I. S. E. Por exemplo, certas somas poderiam ser encaminhadas diretamente da França para a Alemanha ou Grécia.

4.º — O governo francês tendo enviado ao F. I. S. E., 630.000 dólares, recebemos em troca 400.000 dólares de leite completamente desnatado, e com a designação de "Anxílio Americano", o que constitui uma verdadeira "escroquerie".

Por todas essas razões a U. F. F., zelosa da dignidade das famílias francesas, denuncia a repartição dos fundos que serão coletados em favor da Infância pelo Comitê Nacional do F. I. S. E., e não pode associar-se a essa coleta, pois que as somas mais importantes irão para organizações privadas, e não para organizações coletivas, como as escolas e as municipalidades, que assumem o mais pesado encargo pela infância.

grande tendência artística e um senso estético muito que deriva do apelo ao espírito, para lutar a expansão intelectual que deriva de se aproveitarem devidamente. É muito romântica e sensível.

— SUELY DA CAPITAL — S. Paulo — Seu espírito está sedento de compreender. Você mesmo não compreende a razão desse desconhecimento em que vive, porque as coisas são exclusivamente subjetivas. É que sua inteligência, seu sentimento, sua tendência mesma, recusam uma atividade útil, objetiva, menos pessoal e mais coletiva. Você tem a nostalgia inconsciente da imagem involuntária. Sente que não manter inteligente, uma professora como você, pode ser mais eficiente nas suas atividades, se olhar o mundo, as coisas e as criaturas de um modo mais positivo. Procure emancipar-se e realize algo de novo, de realmente útil para as crianças, crie por exemplo, um teatrinho infanto-juvenil, ensinando peças escolhidas, apropriadas à mentalidade infantil, e de sentido cultural. Dramatizações dos livros de Monteiro Lobato, por exemplo e de outros autores brasileiros ou estrangeiros mesmo. Tente fazê-lo e sentirá uma nova mulher ressurgir dentro de você. Uma mulher que será feliz, mesmo que não tenha tudo...

— HEIDI — Rio — Cultura, delicadeza de sentimentos, capacidade de investigação científica. Serenidade. Método e ação. Grande amorosa, também, e ciumenta sem bandeira. É muito leal e sensata e nunca foge das suas responsabilidades. É sentimental e enérgica. Capaz de heroísmo e devoções extremas.

— ALU J DA ETN — Rio — Não sei porque rasgou ao meio a sua cartinha. Nem assinou. Seu estudo ficou portanto prejudicado. Só lhe posso dizer que sua letra revela pertinência, prudência, método e vaidade comedida. Infelizmente é tudo o que é possível em face do

pouco material apresentado. Volte, querendo...

— REALISTA — Não adianta fingir, querida. Você sabe escrever muito bem. É inteligentíssima e arguta. Disposta e enérgica. Muito consciente de seus deveres e responsabilidades e sempre capaz de realizar coisas grandiosas. É um temperamento arrebatado, vigoroso e ardente. Tem, porém, uma grande dose de bom senso e não se deixa embair facilmente.

— MAGNÓLIA — Rio — Você é muito sensata, delicada e bondosa. Sua capacidade de raciocínio é extraordinária, mas você vive encerrada num ambiente retrógrado, cheio de barreiras à sua expansão e muito pouco iluminado. Todavia, é audaz e experta suficientemente, para fazer as suas incursões intelectuais e sair ares novos e puros.

— MARGOT — Santos — Tenacidade. Energia. Coragem de dizer e de agir. Sinceridade. Atividade e inteligência. Sentimentalismo e generosidade. Sua grande devoção ao seu ideal político tem o poder de vencer todos os obstáculos. Muito boa amiga, muito leal e afetiva.

— LIAN DE LIZ — Rio — Gênio impulsivo e arrebatado. Submissão à luta aos preconceitos. Energia descomulgada. Violência de gestos e atitudes. Bom coração e sentimentalismo exagerado. Gôto da música, da pintura clássica e dos romances piéris.

— SUZI — Rio — Serenidade. Rotina. Calma. Sistema regular em todas as suas atividades. Incapacidade de tomar novos rumos, atendendo a orientação de pessoas que não querem novidades e cultivam as velhas com desvelos extremados. Você recebe essa influência e reflete uma falta de rotina, cômoda, mas infeliz e vazia.

— CABITÓ — Rio — Tendência intelectual receptiva, não criada. Senso estático, não desenvolvido e desarmado. Vaidade. Senso estético. Arrebatamento afetivo. Versatilidade.

— ETELVINA PEDREIRA LIMA — Direção. Obstinação. Atividade mental. Ambição e capacidade comercial. Grande economia e administradora eficiente. Afetivamente é incontentável, não admite divisões, exclusivista e brigona como que!

## COZINHA

### FRITADA DE CAMARÃO

Separe as cabeças dos camarões, tire as cascas e um fio escuro que tem em toda a extensão. Ponha uma colher de banha ou de azeite-dóce; dois tomates, um dente de alho, algumas cebolas de cebola, junto os ingredientes aos camarões numa frigideira; deixe cozinhar uns 20 minutos, junte uma xícara de leite de côco e algumas azeitonas. Bata 3 ovos em ponto de neve, junte as uemas e uma colher de sopa de farinha de mandioca, cubra os camarões com este creme e ponha rodadas de cebola em cima do creme.

Forna quente — Receita para 1 kilo de camarões, as cabeças ponha a ferver com água e coe para engrossar o caldo podendo usar algumas batatas cortadas em pedacinhos, caso queira aumentar a fritada.

### JARDIM ZOOLOGICO



Essas girafas são de um jardim zoológico francês. O Prefeito do Distrito Federal também promete girafas para os cariocas, em breve.

### A LETRA REVELA A PESSOA!

#### PEÇA UM RETRATO GRAFOLÓGICO

Nome . . . . .

Pseudônimo . . . . .

Inclua uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO

sempre em tórres muito altas, e quando as mulheres vão lá comecam a conversar e os impedem de olhar as estrélas.

Stelling gostou da vivacidade da menina e ficaram muito amigos. E ela disse a Tom que gostaria de ficar na escola, como o irmão, e de aprender o que êle aprendia. Sabia que havia de compreender o Euclides, porque tinha olhado de novo o livro e comprehendera o significado de A.B.C., que era o nome das linhas.

— Qual! garanto que você não entenderia nada, disse Tom, e eu vou perguntar ao professor se isso é coisa para mulher.

Naquela noite, no salão, ela mesma perguntou:

— Sr. Stellingen, então eu não podia aprender o Euclides e tôdas as lições de Tom, se o senhor estivesse me ensinando ao invés dêle?

— Podia nada, disse Tom, indignado. Meninas não estudam o Euclides, não é, professor?

— Elas podem aprender um pouco de tudo, respondeu o mestre. As meninas têm uma inteligência viva mas superficial, não vão longe em coisa alguma. São espertas, mas não profundas.

Tom, deliciado com o veredicto, telegrafou o seu triunfo fazendo sinais a Maggie, com a cabeça, por detrás da cadeira de Stelling. Quando a menina, nunca se mortificara tanto. Orgulhara-se muito, na sua curta vida, quando diziam que ela era esperta, e agora essa mesma esperteza lhe era apresentada como sinal de inferioridade. Seria muito melhor ser vagarosa, como Tom.

— Ah! ah! senhorita! fêz o menino, quando ficaram a sós, — agora você vê que não é tão bom assim, ser esperta. Você nunca há-de ir longe em coisa alguma, está aí.

Tão oprimida estava Maggie com esse doloroso destino, que nem teve idéia de responder.

Mas quando o pequeno Tom com a superficial esperteza se foi embora para casa, no carro puxado por Luke, e Tom teve outra vez de estudar sózinho, que falta êle sentiu! Desde que ela chegara, evidentemente o menino ficara mais sagaz e aprendera melhor as lições. E tantas coisas a menina perguntara ao sr. Stelling a respeito do Império Romano, e se era verdade que tinha havido um homem que disse, em latim, "Eu não o compraria por um ceitel ou uma noz podre", ou se essa frase apenas fôra traduzida para o latim — que Tom agora chegara a compreender que de fato tinha havido, outrera, sobre a terra, um povo que tinha a rara sorte de saber latim sem precisar estudá-lo pela gramática de Eton. Essa idéa luminosa era um grande acréscimo ao histórico das suas aquisições durante o semestre, que se reduziam a um volume da história dos judeus.

Mas o penoso semestre se acabou, finalmente. Com que alegria Tom olhava as últimas fôlhas amarelas, carregadas pelo vento! As tardes escuras e a neve de 1.º de dezembro, pareciam-lhe muito mais vivificadoras que as horas ensolaradas de agôsto. Para ter, êle mesmo, a impressão material da passagem dos dias que lhe faltavam para voltar a casa, êle apanhou vinte e um pedras num canto do jardim, quando faltavam três semanas para as férias, e cada dia atirava uma longe, com tanto impulso e tanta vontade que elas chegariam ao céu, se fôsse da natureza das pedras ir tão longe.

Seria digna de se pagar, mesmo ao alto preço da gramática Latina, a felicidade ver a luz acesa, na sala de sua casa, quando o

carro passasse silencioso pela ponte coberta de neve. A felicidade de passar do ar gelado para o calor, e de receber os beijos e sorrisos da família, com a sua cobertura de lã, a sua grelha e os seus ferros de atizar o fogo, que dela eram "idéias principais". Não há impressão de descanso como a que a gente sente no lugar em que cresceu, onde os objetos se nos tornam caros antes de conhecermos o que realmente valem, no qual o mundo exterior nos parece apenas uma continuação da nossa própria personalidade. E nós nos apegamos a esse lugar e o amamos, como nos apegamos ao senso de nossa própria existência e ao nosso próprio corpo. Muito comum, mesmo feia, com o mau gosto do seu estofamento, pareceria a mobília das velhas casas inglesas, se fosse posta em leilão. Não é o esforço de estar sempre procurando o que há-de-melhor nas redondezas, a grande característica que distingue os homens dos bichos, — ou, mais precisamente, — que distingue o homem inglês dos animais. Sabe Deus onde nos pode conduzir essa procura eterna, quando o afeição não nos identifica com essas velhas pequenas coisas e os amores e purezas de nossa vida não nos deixam na memória fundas raízes inamovíveis. O inglês fica mais contente à vista dum ramo de sabugueiro pendente de uma sebe viva, do que ante a mais linda planta rara, crescendo em meio da macieza ondulante da relva. Soberamente regulados, livres das fraquezas dos apegamentos que não devem existir numa demonstrável superioridade de qualidades. E a razão de eu preferir o galho de sabugueiro é que ele existe na memória das coisas, — é que ele não é novidade na minha vida, dizendo-me coisas apenas através de minha atual sensibilidade das formas e das cores, mas o velho companheiro de minha existência, que sempre tomou parte nos meus brinquedos e nas minhas alegrias.

## CAPÍTULO II

## As férias de Natal

O velho Papai Noel, de cabelos de neve e rosto vermelho, tinha cumprido nobremente o seu dever aquele ano, e trouxera lindas realidades de calor e colorido em vivo contraste com o frio e o gelo lá de fora.

A neve cobria o campo e as margens do rio em ondulações mais macias que a pele duma criança, debruava de branco os tetos adormecidos das casas, dando nova intensidade de tom ao vermelho-escuro das telhas, e pendia, pesada, dos loureiros e dos pinheiros, caindo depois ao chão num trémulo ruído, vestindo de brancura o áspero campo de pasto, onde as ovelhas apareciam como manchas negras. As porteiras estavam todas bloqueadas pelos montões de neve, e de quando em quando um quadrúpede desgarrado aparecia petrificado em irremediável melancolia. Nenhum brilho, nenhuma sombra no céu, unido como uma nuvem pálida. Nenhum som, nenhum movimento nas coisas, exceto o do rio escuro, correndo a lamentar-se em incansável queixa. Papai Noel sorria ao deixar lá fora a cruel paisagem do mundo, sentindo a casa iluminada com novo brilho, e levou toda a sua riqueza para dentro, respirando com delícia o cheiro quente da comida. Ele deseja sempre aumentar o doce

laço que tortalece a primitiva camaradagem do parentesco, e de fazer brilhar o sol da família humana com fulgores de estrela dalva. Sua bondade não se manifesta inteiramente para com os sem abrigo, ou nos lares que não o esperam com a lareira aquecida e a comida cheirosa. Não se dá com as fisionomias que não se abrem, mas permanecem frias, apegadas a vontades que nada esperam. Mas a época ia bem, e se ele não aprendeu o segredo de abençoar imparcialmente os homens, é porque seu pai, o Tempo, com rigoroso propósito, esconde até agora esse segredo no seu coração poderoso e indolente.

Mas a-pesar-disso o dia de Natal, a despeito de sua alegria de voltar para casa, pensava Tom, já não era tão feliz como tinha sido até então. As amoras vermelhas tinham sido tão abundantes como sempre e ele e Maggie haviam enfeitado tôdas as janelas, chaminés e molduras de quadros, na véspera do Natal, com o mesmo gosto antigo, misturando os velhos cachos com os ramos das amoreiras silvestres. Depois da meia-noite houve sob as suas janelas o canto que Maggie sempre julgou sobrenatural, a-pesar de Tom afirmar com segurança que os cantores eram o velho Patch, o cura da paróquia e o resto do côro da igreja, que faziam a menina tremer de pavor quando o cântico lhe interrompia os sonhos. E a imagem desses homens, vestidos de hábitos de fustão, dava lugar à visão de anjos cebrucados em nuvens entreabertas. Depois do canto da meia-noite, quando veio a manhã, todos de casa se levantaram como de costume e lá saiu da cozinha o cheiro das torrados e da canja, da refeição matinal. Na igreja, a música especial, os galhos verdes de árvores e o curto sermão, deram a impressão característica da festa. O tio e a tia Moss, com seus sete filhos, pareciam outros tantos refletores em torno à lareira, quando voltaram da igreja marcando a neve com as suas pégadas. O pudim de Natal foi redondo e belo como sempre, no meio das suas chamas simbólicas e azuis, como se tivesse sido tirado do fogo a que o tinham lançado dispépticos puritano. A sobremesa foi esplêndida, como antigamente, com laranjas douradas, castanhas, e a luz cristalina e as manchas escuras da geléia de maçãs e do queijo de leite de cabra. Nesse tudo Papai Noel apareceu, como sempre, desde que Tom se podia lembrar.

Papai Noel estava festivo, mas assim não estava o sr. Tulliver, que parecia raivoso e provocador. Tom, apesar de ter herdado do pai as raivas e o senso de xingar, não deixou de sentir da mesma forma que Maggie, quando o sr. Tulliver se tornou mais zangado e briguento por se haver prolongado a sobremesa, pois a atenção que Tom podia concentrar nas suas nozes e no seu vinho foi distraída pela certeza de que vida difficilmente poderia ser desempenhada sem uma boa dose de brigas.

Tom não era amigo de brigar, a não ser que pudesse acabar logo, por honroso armistício, com um adversário que ele tive se a possibilidade de vencer. A maneira irritada de seu pai falar o incomodava, se bem que o rapaz nunca sentisse ou julgasse que o pai estava errado.

A corporificação particular do mau princípio que agora excitava a determinada resistência do sr. Tulliver era o sr. Pivart, o qual, tendo terras a montante do Ripple, estava tomando medidas para irrigá-las, o que seria, ou viria a ser um dia, (dado que água é sempre água) uma turbação ao legitimo gozo da servidão que o sr. Tul-

liver possuía. Dix, que tinha um moinho no córrego, era um fraco testa-de-ferro do velho Harry, comparado com Pivart. Dix tinha chegado ao que estavam por arbitramento, e a opinião de Wakem não lhe dera asas. Não, — considerava Tulliver — Dix tinha sido sempre respeitador da lei. Na intensidade de sua indignação contra Pivart, sua queixa contra um adversário derrotado como Dix se transformava em afetuosa consideração. Nesse dia o moleiro não tinha ouvintes masculinos, exceto seu cunhado Moss, que como ele mesmo dizia, nada entendia "dessas coisas de moinhos" e que só podia concordar com os argumentos de Tulliver por laços "a priori" de família e de obrigações monetárias. Tulliver, entretanto, não falava com a fútil intenção de convencer o auditório — mas para desabafar, enquanto o bom Moss fazia grandes esforços para conservar os olhos abertos, fugindo ao sono causado por uma boa refeição extraordinária e uma digestão difícil.

A senhora Moss, mais conhecedora do assunto e interessada em tudo o que dizia respeito ao irmão, ouvia cada palavra tanto quanto lhe permitiam as preocupações maternas:

— Esse Pivart, é nome novo por aqui, não é mano? Ele não estava nessas terras no tempo de papai, nem no seu, antes de eu me casar.

— Nome novo? E', eu acho que é novo, — respondeu Tulliver, zangado. — O Moinho Dorlcote está com a no-sua família há cento e tantos anos, e nunca se ouviu falar que um Pivart se metesse no rio, até que esse sujeito chegasse e comprasse o Sítio Bincome, antes que ninguém pudesse dizer um ah! Mas veremos quem sai "pivarteadado", acrescentou, largando o copo, certo de ter definido de maneira inconfundível a sua resolução.

— Mas eu espero que você não vá questionar com ele em juízo, não é mano? perguntou a senhora Moss, com ansiedade.

— Não sei o que terei de fazer; mas sei o que hei-de forçá-lo a fazer com as suas represas e irrigações, se existe lei para garantir quem tem razão. Sei muito bem quem é que está no fundo disto: é Wakem, que fica atrás dele, instigando-o, dizendo que a lei não o atinge por isso. Mas há muita gente que entende de leis, como Wakem. Ele é duro de ser batido, mas hei-de achar um maior, que conheça mais ainda as leis, por dentro e por fora, como o que o derrotou no processo de Brumley.

Tulliver era um homem esritamente honesto, e disso se orgulhava; mas achava que, na lei, o caminho da justiça podia ser mudado, antepondo-se um velhaco mais forte a um mais fraco. Para ele a Justiça era um espécie de briga de galos, em que vence honestamente o que tiver melhor bico e esporas mais forte.

— Gore não é bobo, ninguém precisa me dizer, — observava ele, num tom de discussão, como se a pobre Gritty estivesse sopesando aquelas capacidades jurídicas. — Mas você sabe, ele não entende de leis como Wakem. E a água é coisa muito especial, que a gente não pega com um forcado. Essa é que tem sido a barreira no caminho do velho Harry e dos outros advogados. E' só olhar de frente para a água, e logo se vê se há direito a ela ou não. Um rio é um rio; se você tem um moinho é claro que precisa de água para move-lo. E não me venham dizer que as irrigações e bobagens de Pivart vão fazer parar a roda do meu, porque eu conheço muito bem o que diz respeito à água. Que me importa o que dizem os enge-

nheiros? Está saltando à vista que a reprêsa de Pivart me prejudica! Mas se é preciso ser engenheiro, Tom há-de sê-lo, e êle verá se pode entender melhor da coisa sendo engenheiro, do que vendo a coisa realmente como é.

Tom, olhando em redor, ansioso ante êsse projeto, impensadamente parou o chocalho com que estava divertindo o bebê Moss, o qual, sendo uma criança que sabia muito claramente o que queria, instaneamente expressou seus sentimentos num agudo berreiro, que não serenou nem com o restabelecimento do chocalho, por julgar a criança que o êrro de o ter parado um instante permanecia em tôda a sua plenitude. A tia Moss carregou a filha para outra sala, mostrando à sra. Tulliver, que a acompanhou, a convicção de qu'ea criança tinha razão de gritar, pois se parecia que era pelo chocalho que o bebê chorava, o certo é que ninguém estava percebendo o que acontecera. Acalmado êsse choro tão justificado, a senhora Moss olhou para a cunhada e di-se:

— Sinto muito de ver o mano às voltas com o negocio da água.

— Seu irmão gosta disso, senhora Moss. Eu nunca tive causas antes de me casar — explicou a senhora Tulliver com subentendida repreensão, pois só falava do marido à senhora Moss designando-o por "seu irmão" cada vez que não lhe admirava muito a conduta. A amável senhora Tulliver, que nunca se zangava na vida, tinha no intimo êsse espirito sem o qual ela não seria mulher da familia Dod-on. Sempre na defensiva, mesmo com as irmãs, mesmo sendo a mais dócil das Dodsons, era natural que tivesse consciência da própria superioridade sôbre essa irmã do marido, que além de muito pobre e sempre explorando o irmão, tinha o temperamento submisso e fácil de uma mulher prolfica e desmazelada, com bastante ateição em si para distribuir pelo marido, pela filharada abundante e por tôda a numerosa parentela colateral.

— Eu espero e faço votos que êle não tenha de questionar, declarou a senhora Moss, pois a gente nunca sabe o fim que têm essas coisas; E nem sempre o direito vence. Esse Pivart é rico, segundo eu penso, e os ricos em geral conseguem o que querem.

— Quanto a isso, — comentou a senhora Tulliver arrumando o vestido — eu tenho visto os ricos de minha familia, porque minhas irmãs arranjam maridos que lhes podem dar tudo o que desejam. As vêzes eu acho que vou perder a cabeça com essa conversa de leis e irrigações, e minhas irmãs dizem logo que a culpa é minha. E' porque elas não sabem o que é ser casada com um homem como o seu irmão, — e como haviam de saber? A mana Pullet faz o que entende, de manhã à noite...

— Bom, eu acho que não gostaria de meu marido se ele não tivesse alguma coisa de seu, e se eu tivesse de lhe dar juizo. E' mais fácil a gente fazer o que agrada o marido do que andar quebrando a cabeça para descobrir o que deve fazer.

— Em matéria de fazer o que agrada ao marido — retrucou a senhora Tulliver, numa pálida imitação de sua mana Glegg, — eu estou certa de que seu irmão teria de esperar tôda a vida para achar uma mulher que o obedeca nas mínimas coisas, como eu. Não se fala noutra coisa, nesta casa, desde a hora em que a gente se levanta até a hora de ir para a cama, senão a respeito de leis e de irrigações. E eu nunca protesto! Só digo: "Pois é, Sr. Tulliver, faça como quiser mas de qualquer forma não vá a juizo!"

Como já sabemos, a sra. Tulliver tinha certa influência sobre o marido, como todas as mulheres têm para obrigá-los a fazerem o que elas querem ou justamente o contrário. Nos vários impulsos que estavam compelindo o sr. Tulliver a "Juízo", os monótonos conselhos da mulher tinham de ter a sua força. Podiam se recomparados aquela proverbial pena que teve o crédito ou descrédito de abalar a corcunda do camelo, tanto mais que, de um ponto de vista imparcial, as censuras ficilmente agem com a leveza das penas que já colocaram uma corcunda em tão iminente perigo, considerando que uma pena, a-pesar-de inocente, nunca deixa de ter o seu peso. Não que as fracas instâncias da sra. Tulliver pudessem ter tido o valor da pena, pela sua própria personalidade, mas porque, mesmo que ela compartilhasse inteiramente da opinião do marido, este via a sua mulher como uma representante da família Dodson, e o sr. Tulliver tinha como principio inamovível fazer aos Dodsons saber que não o podiam dominar, ou — mais especificamente — que um varão Tulliver valia muito mais do que quatro mulheres Dodsons, mesmo que uma delas fôsse a sra. Glegg.

Mas nem mesmo um direto argumento partido daquela típica mulher Dodson contra a sua entrada em Juízo, teria alterado a disposição de Tulliver a respeito, como a simples lembrança de Wakem, continuamente reavivada pela vista do hábil advogado nos dias de feira. Wakem, como ele sabia muito bem, era a moça da irrigação de Pivart, e antes já tinha procurado fazer Dix levantar-se e recorrer à lei a respeito da reprêsa. Inquestionavelmente tinha sido Wakem o causador de Tulliver ter perdido a ação sobre o direito da estarda e da ponte, que fêz das suas terras uma passagem para todos os vagabundos que preferissem a oportunidade de cortar por uma propriedade privada, para passear como gente honesta pela estrada real. Para Tulliver, todo advogado era mais ou menos malandro, mas a malandragem de Wakem era agravada por colocá-lo em oposição aos direitos personificados pelos interesses e obrigações do moleiro. E para mais amargurar o caso, o moleiro, inquirido, recentemente, ao pedir emprestadas quinhentas libras, tinha sido obrigado a dar por sua conta um serviço ao escritório de Wakem. Esse sujeito escorregadio e narigudo, fresco como um pepino, estava sempre certo do resultado do seu jôgo! Era vexatório que o advogado Gore não fôsse como ele, mas balofo e calvo, de manciras suaves e mãos gordas. Um galo-de-briga, que seria irrefletido pôr-se contra Wakem. Gore era astuto, sua fraqueza não residia em excesso de escrúpulos. Mas uma grande força de visão, mesmo que signifique muito, não permite ver através duma parede de pedra. Confiando como conflava no principio de que á gua era água, e na convicção de que Pivart nada tinha para escorar êsse negócio de irrigação, Tulliver chegou à incômoda suspeição de que Wakem devia ter algum argumento legal para invocar, que Gore não conhecia. Mas se, por acaso, fôssem a Juízo, Tulliver contrataria o Conselheiro Wylde a seu favor, para não ter contra si êsse formidável espadachim. E a expectativa de ver uma testemunha de Wakem suando, confundida, como acontecera a uma testemunha de Tulliver, tentava-o a recorrer à justiça.

Muito ruminou Tulliver sobre êsses complicados assuntos, nos seus passeios no cavalo tordilho, e muito balançou a cabeça de um lado para outro, quando as possibilidades alternadamente surgiam

Mas o resultado provável era ainda invisível, e só podia ser previsto a custa de muito argumento excitado e de repetição, no ambiente doméstico e social. Aquele estágio inicial da disputa, que consistia na narração do caso e na propagação dos pontos de vista de Tulliver entre os seus conhecidos, levava tempo, e em princípios de fevereiro, quando Tom já voltara para a escola, eram poucos os novos itens a considerar na exposição que o pai fazia do caso contra Pivart, e não havia mais indicações específicas de argumentos além do já conhecido de que água era água. A repetição, como a ficção, só gera calor em lugar de progresso, e o calor de Tulliver era cada vez mais visível. Se não havia novas evidências em outros pontos, pelo menos havia novas demonstrações de que Pivart estava "unha e carne" com Wakem.

— Papai, disse Tom uma noite, quase no fim das férias — o tio Glegg disse que o advogado Wakem vai mandar o filho para a escola do sr. Stelling. Não é verdade o que dizem, que ele ia para a França. E o senhor não há-de querer que eu fique na mesma escola que o filho de Wakem, não é mesmo?

— Isso não tem importância, meu filho, responderam Tulliver. — Não aprenda nada de ruim com ele, e pronto. O rapaz é uma pobre criatura aleijada, que saiu a cara da mãe. Eu acho que não tem nada do pai. Até é sinal da consideração de Wakem pelo sr. Stelling, mandar-lhe o filho. E Wakem entende da matéria...

No fundo, Tulliver estava satisfeito com o fato de seu filho ter a mesma educação que o de Wakem. Mas Tom não era da mesma opinião, e demonstraria isso se o filho do advogado não fosse aleijado, porque aí teria a perspectiva de enfrentá-lo com toda a liberdade que deriva duma alta sanção moral.

## CAPÍTULO III

### ... nove discípulos

Foi num dia frio e chuvoso que Tom voltou para a escola, dia muito de acordo com essa fase severa do seu destino. Não fôsse levar no bolso um pouco de açúcar-candi e uma pequena boneca holandesa para Laurinha, e não haveria a menor expectativa de prazer para lhe diminuir a tristeza geral. Mas ele tinha satisfação em pensar que Laura estenderia os bracinhos e os lábios para os pedaços de açúcar-candi. Para dar maior realce a esses prazeres de imaginação, ele pegou o pacote, fez um furo no papel e tirou para si um ou dois cristais, que tiveram efeito tão consolador naquele ambiente confinado, debaixo da capota do carro que cheirava a mófo, que o rapaz repetiu o processo mais de uma vez pelo caminho.

— Muito bem, Tulliver, ficamos satisfeitos em vê-lo de novo — disse o Sr. Stelling, cordialmente. Tire os seus agasalhos e estude até o jantar. Você encontrará na biblioteca um bom fogo aceso e um novo companheiro.

Tom sentiu um arrepio desagradável ao tirar o sobretudo de lã e outros agasalhos. Ele tinha visto Felipe Wakem em St. Ogg's, mas sempre desviara os olhos o mais depressa possível. Não gostava de ter um menino aleijado como companheiro, mesmo que Felipe não fôsse filho de um homem ruim. E Tom achava que o filho dum ho-

mem mau não podia lá ser muito bom. Seu pai era bom, a-pesar-de haver um ou outro que pensava o contrário. E estava num misto de embaraço e desconfiança, quando acompanhou o sr. Stelling a sala de estudo.

— Aperte a mão do seu novo companheiro, Fulvius, — disse o professor entrando na biblioteca. — Este é Felipe Wakem. Vou deixar que vocês façam conhecimentos por si. Acno que cada um já sabe um pouco sobre o outro, porque são vizinhos.

Tom parecia confuso e medroso. Felipe levantou-se e olhou-o timidamente, mas não estava com vontade de lhe estender a mão nem diria tão cedo "muito prazer".

Stelling saiu prudentemente e fechou a porta: a timidez dos meninos só se acaba quando os mais velhos não estão presentes.

Felipe era ao mesmo tempo muito orgulhoso e muito tímido, para se dirigir a Tom. Achava, ou talvez sentisse, que Tom tinha aversão a olhar para êle, pois quase todo mundo não gostava de encará-lo. E como sua deformidade ainda aparecia mais ao andar, eles ficaram sem se apertar as mãos e sem se falar, enquanto Tom se aproximou da lareira para aquecer-se, lançando de vez em quando furtivos olhares para Felipe, que parecia estar desenhando, absorto, primeiro um objeto, depois um outro, num pedaço de papel sobre a mesa. Ele havia tornado a sentar-se e, desenhando, pensava o que iria dizer a Tom, procurando vencer a própria repugnância de dar a primeira entrada.

Olhando para o rosto de Felipe mais longamente, sem lhe enxergar a deformidade, considerava Tom que o companheiro não tinha uma feição desagradável, mas talvez apenas um pouco envelhecida. Quanto Felipe seria mais velho que êle? Um anatomista e mesmo um simples fisionomista veria que a deformidade da espinha de Felipe não era congênita, e sim resultado dum acidente na infância. Mas ninguém poderia esperar de Tom tal distinção. Para o rapaz, Felipe era apenas um corcunda. Tinha uma vaga noção de que a deformidade do filho de Wakem tinha relação com a maldade do advogado, como muita, vèzes ouvira seu pai dizer em exaltada ênfase. E Tom sentiu um certo medo dêle, que sendo provavelmente um individuo despeitado, incapaz de vencer diretamente, tinha meios escondidos de fazer mal aos outros, sorrateiramente. Havia, nas vizinhanças da escola do sr. Jocó, um alfaiate corcunda, que era considerado de muito mau gênio, e que os moleques viajavam em reprovação ao seu humor irritante. Daí é que Tom tirava a conclusão acima. No entanto, nada seria mais diferente do rosto daquele horrível alfaiate do que a expressão melancólica dêsse menino, emoldurada em cabelos castanhos e ondulados, cacheados nas pontas como os de uma menina. Tom achou isso verdadeiramente lastimável. Este Wakem era um rapaz pálido e débil, que evidentemente não sabia brincar em jogos interessantes; mas maneyava ao lapis de forma invejável, e parecia estar fazendo um desenho após outro sem a menor dificuldade. Que estaria desenhando? Tom já se aquecera, e queria alguma coisa nova para fazer. Certamente era mais agradável ter um corcunda doentio como companheiro do que ficar sózinho olhando a chuva através da janela da biblioteca, ou dando pontapés na beirada dos tapetes. Agora iam contem coisas todos os dias, pelo menos uma discussão. E Tom achou bom mos-

# A mulher nos cinco continentes

FRANÇA — Realizou-se a Conferência Nacional das Viúvas e órfãos das vítimas das duas grandes guerras.

Fôram votadas resoluções fixando as reivindicações principalmente a da pensão de 24.000 francos.

A festa das Mães teve um caráter grandioso. Em tôda a França a UFF realizou nesse dia a homenagem àquelas que deram um filho à Pátria.

Inaugurou-se em 5 de junho no Palácio das Exposições em Versailles a Exposição Internacional organizada pela grande Federação Democrática Internacional de Mulheres.

Lá estamos representadas pelas prendas que mandámos por intermédio do Instituto Feminino de Serviço Construtivo.

Em Bordeaux (França) a senhorita Josette Bouglione filha de um célebre diretor de circo, casou-se com o domador Roland Prin. Vocês sabem, onde foi o casamento religioso?; Na jaula dos leões. (Nós vimos a fotografia).

GRÉCIA — Os massacres continuam, várias mulheres fôram fusiladas pelo governo monarca-fascista da Grécia. De tôdas as partes do mundo os protestos ecoam.

NORTE-AMÉRICA — Carole Landis, artista de cinema suicidou-se. Deixou uma carta à sua mãe chamando-a a "melhor mãe do mundo". Motivo: falta de coragem para viver (os telegramas dizem: questões económicas e sentimentais).

# NOSSAS FAVELAS



As favelas andam nos sambas e no noticiário dos jornais. O prefeito e a polícia expulsam dos lares de lata uma gente que não tem onde morar. A isso chamam a "batalha da cidade". Como se acabassem com a miséria da cidade.

ADVOGADA

**ARCELINA MOCHEL**

Inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil sob o n.º 5423

Escritório

RUA WASHINGTON LEUZ, 32, 2º Tel. 23-4295

TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL  
CLÍNICA E CIRURGIA DE SENHORAS

**DR. CAMPOS DA PAZ FILHO**

Ginecol. da CAP da Light — Lzareado pela Academia Med. — Consultas com hora marcada — Edifício Cariocas, sala 218 — às 16 horas — Tel. 42-7550

## FOOT-BALL

Domingo p. passado o E. C. Central recebeu em seu campo de esportes o Chora na Rampa F. C., para uma partida amistosa. Apesar da maestria do esquadrão local, o adversário, segundo os entendidos, e um "gigante na cancha". Resultado: houve empate honroso depois de quase ter o Chora o E. C. Central.

No próximo domingo jogará o E. C. Central de Olaria com o Penedo P. Clube, em match de revanche.

O quadro do E. C. Central (que nos manda essa notícia e a quem pedimos fotografia), esteve assim constituído: Jorge I; Neco e Vadinho; Valter, Wilson e Pinguça, Quincas, Paulinho, Nelsou, Nelsinho e Tíão.

Nossa amiga e grande propagandista



## OS DENTES DAS CRIANCINHAS

Para limpar os dentes das criancinhas, enrola-se no dedo um pedaço de pano limpo, molha-se esse pano em água quente, onde já se dissolveu uma pitada de bicarbonato de sódio, e esfregam-se os dentes. Faça-se isso pela manhã logo que a criança acorde e à noite antes de se deitar. Assim, ficará a criança com dentes sãos e fortes.

O dentista deve ser procurado em caso da criança ter digestão penosa durante a dentição.

A forma da boca da criança deve ser uma preocupação dos pais e para isso o uso de chupeta é desaconselhável bem como a sucção de dedos. O céu da boca sofre a pressão do dedo, deforma-se, impedindo o desenvolvimento de órgãos do nariz, dificultando assim a respiração.

## MOMENTO feminino

Diretora:  
**ARCELINA MOCHEL**

Gerente:  
**LUIZA REGIS BRAZ**

Redação e Administração:  
**AV. RIO BRANCO, 257**  
Sala 715 — C. Postal 2013  
Rio de Janeiro

Número Avulso. Cr\$ 1,00  
Atrasado ..... Cr\$ 2,00

## Casa São João Batista

IRMÃOS SKURNIK

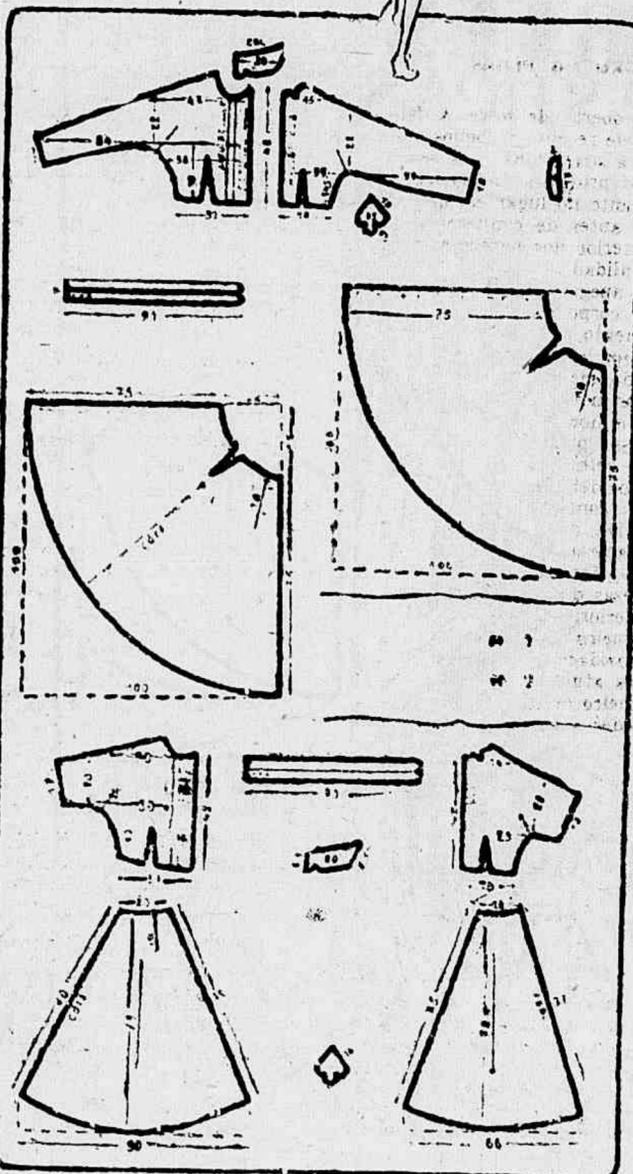
FILIAL:  
Rua Voluntários da Pátria, 258  
Tel. 26-6124

MATRIZ:  
Rua Voluntários da Pátria, 277/279  
Tel. 26-7225

Armarinho — Fazendas Modas — Cama e Mesa —  
e Casimiras Roupas para Crianças

RIO DE JANEIRO

## Faça este modelo



Os vestidos modernos estão enchendo as ruas. Você não pode aproveitar nada do seu antigo guarda-roupa? Faça então este modelo elegantíssimo seguindo rigorosamente as medidas e o corte apresentados pelo nosso modelo.

LUIZ WERNECK DE CASTRO  
ADVOGADO

Rua do Carmo, 40 - 2.º -  
Sala 2. — Diariamente, de  
12 às 13 e 16 às 16 horas.  
Exceto aos sábados  
— Fone: 23-1054 —

## CONSELHO DOMÉSTICO

Modo de lavar as blusas brancas

As blusas brancas, manchadas debaixo dos braços, devem ser colocadas em água quente com um pouco de amoníaco durante meia hora. Não use sabão porque machuca a mancha. Espreme-se as blusas, e se não desaparecer inteiramente as manchas, põe-se um pouco de limão, e se enxagua em



## União Feminina do Flamengo, Catete e Glória

A União Feminina do Flamengo, Catete e Glória prossegue nas suas atividades com grande entusiasmo.

Voltada, presente, para os trabalhos de elevação do nível cultural das suas associadas e amigas, tem promovido interessantes palestras em sua sede. Entre outras personalidades, já falaram, nas animadas reuniões daquele organismo, as senhoras Alice de Toledo Tibiriçá, presidente da Instituição Carlos Chagas, jornalista Itala Vera; Marina Magalhães Santos Silva, presidente da Associação Clivica Feminina, da cidade de Santos, e o dr. Mário Rodrigues de Carvalho, diretor-secretário da Aliança de Solidariedade e Proteção aos Inquilinos.

A União mantém, ainda, em funcionamento e completamente gratuitos, os seguintes cursos para as suas associadas: Alfabetização, Corte e Costura, Flores, Desenho e Estenografia.

As reuniões se realizam às terças-feiras, às 20 horas, à rua Marquês de Abranches, 144.



## ARTES PLÁSTICAS



Como já salientamos, a mulher brasileira está sempre presente em nosso mundo artístico. Nas Artes Plásticas, principalmente, muitas vêm se destacando e ocupando a crítica com os mais justos comentários. Recentemente, assistimos Djanira que é um dos nossos ca-

sos ímpares. Agora, outras exposições surgem, de pintores e decoradoras que merecem a nossa atenção e que comentaremos oportunamente. Hoje, porém, queremos trazer às leitoras de MOMENTO FEMININO, o trabalho de uma jovem do Paraná (Curitiba) que

vem de lá muito interferindo na vida do nosso povo mais sacrificado. Seus trabalhos retratam a angústia de nossas crianças largadas ao abandono, mostram fielmente o seu depauperamento físico, o sofrimento moral que já começa na máscara de uma infância que ainda não sabemos defender. Mostramos hoje às nossas leitoras o sofrimento já multiplicado e que se acentua dia a dia, com a vida cara, com a falta de teto, com a destruição do que ainda tão precário poderia restar para uma existência sempre mais sacrificada. Não é preciso repetir que arte é vida e é exibindo uma vida mal conformada que Helvidia realiza a sua obra artística. Na gravura, principalmente, a jovem paranense encontra o seu melhor processo de expressão. Na dura madeira, com as suas ferramentas, consegue se aprofundar no sofrimento humano que líquida com as carnes porque as condições materiais da vida foram de lá muito líquidadas. É um grito de alarme procurando defender uma geração que definha. É o sintoma mais gritante que deve alertar o nosso povo. Helvidia quer salvar alguma coisa e nada pode dar daquela beleza falsa que ainda festeja os olhos indiferentes dos privilegiados. Ontem, na Argentina, garantia-se que os garotos de Portinari não eram apenas de Brodoski — eram do Brasil. Ai estão as crianças de Helvidia que também não são do Paraná, são do norte ou do sul, mas, podemos garantir, são também do coração do Brasil, são dessa fabulosa capital da República.

Parabéns! Helvidia! Continue em seu trabalho! Você quer salvar a infância brasileira. Sua arte está a serviço do "mundo melhor".

## Monteiro Lobato

Os meninos brasileiros estão de luto, porque morreu seu grande amigo Monteiro Lobato.

Qual a criança brasileira que nunca ouviu falar em Monteiro Lobato, e naquela grande família que ele criou, naquela estranha, divertida e instrutiva família em que se misturam a Menina do Narizinho Arrebitado, Pedrinho, o caçador, a velha Benta, Tia Nastácia, uma boneca esperitada, a Emília, um rinoceronte sensato, e um soleníssimo sabugo de milho, com veleidades aristocráticas, que se faz chamar de Marquês de Sabugosa? E Rabicó, quem não conhece esse estupendo Rabicó?

Monteiro Lobato criou essas extravagantes personagens, cheias de graça, de movimento, de "humanidade" (sim, porque Emília, Rabicó, o rinoceronte e o próprio sabugo têm vida como que, e pensam, agem, falam tal e qual gente de verdade) pelo grande amor que tinha às crianças de seu país. Criou essas personagens para dá-las como amigas aos seus amiguinhos desconhecidos, para que os meninos nunca se sentissem sozinhos, para que os meninos, lendo ou ouvindo suas histórias, pudessem ao mesmo tempo divertir-se muito e aprender muito, rir e pensar, entrar pelo mundo da fantasia e pelo mundo da realidade. E assim, "brincando a sério", ensinou aos meninos gramática, e história do Brasil, e história universal, e ciências físicas e naturais. Quem leu Monteiro Lobato não se distraiu apenas; aprendeu também, e aprendeu muita coisa útil, muita coisa verdadeira; muita coisa boa.

Mas Monteiro Lobato não era apenas o amigo dos meninos brasileiros — o que já seria muito. Era ainda um patriota, um democrata, um lutador das boas causas. Por isso foi muito amado pelos honestos e muito perseguido pelos que não querem que os meninos e o povo em geral conheçam a verdade, saibam o caminho, adquiram consciência e força. Foi ele um dos primeiros a afirmar que havia petróleo no Brasil, e aqueles a quem, naquele momento, convinha ocultar essa gloriosa verdade, cheia de promessas de independência econômica para o nosso país, perseguiram, insultaram, caluniaram Monteiro Lobato.

Há pouco tempo, Monteiro Lobato escreveu um livrinho, o "Zé Brasil", que mostra como é o pobre camponês brasileiro, explorado pelos muitos Coronéis Tatuíras que andam por aí. E foi um Deus nos acuda! O livrinho espalhou-se pelo Brasil inteiro, e tentaram impedir sua circulação, por que estava cheio de dolorosas verdades que nem todos gostam de ouvir, que nem todos querem ver reveladas.

Foi essa a última obra de Monteiro Lobato.

Agora ele está morto, e os meninos brasileiros, os patriotas e os democratas brasileiros choram sua perda. Mas se ele desapareceu, seus livros ficaram para sempre.

Ficaram Narizinho, Pedrinho, Benta, Nastácia, Emília, Rabicó, o Rinoceronte, o Marquês e todos os outros personagens dos livros infantis para brincar com a criança, com as várias gerações de meninos que se sucederão. E ficaram seus romances para a leitura da gente grande. E ficou a figura de Zé Brasil e ficou a figura de Tatuíra, ensinando ao povo toda uma grande lição.



SUA ÚNICA SAÍDA é um título inexpressivo para este filme que é bom sob qualquer aspecto. O enredo é o Oeste para o qual voltam os americanos agora através do cinema. É a vida nos começos do século, sem civilização e preparando-se para o que viria depois. Mesmo assim o enredo foge do comum trazendo a luta de famílias em torno da "honra" e a luta de homens em torno do dinheiro. O diretor Raoul Walsh acertou desta vez fazendo de Robert Mitchum aquilo que ele é realmente: um bom artista, até agora mal aproveitado. Teresa Wright muito leve — vocês a viram em "Nossos Melhores dias"? — está como sempre à vontade nesse papel ingênuo e dramático, de uma criaturinha que mistura amor e ódio, que cresce com o último e é pequenina quando ama. O resto do "elenco" é bom principalmente Judith Anderson, uma veterana de valor muitas vezes diminuída pelos diretores. A música é magnífica e da realce ao fundo das paisagens notáveis e das lutas acerrimas.

Este filme sem grande propaganda, sem espalhafatos é realmente um dos melhores ultimamente aparecidos parece mesmo que Walsh resolveu, com ele demonstrar que é possível fazer-se uma revisão total nos filmes do farwest americano, deixando os cavalos, os tiroteios, as diligências, mas dando nova expressão a tudo isso. Vale a pena ver este filme.

Um que não vale nenhum sacrifício é "A rua do Delfim Verde", filme em que tudo acontece: maremotos, terremotos, muitas mortes e muito dramalhão e onde o pobre do Van Delfin é sacrificado como artista (e ele o é, realmente) e... como personagem do enredo.

Não falemos da "Rua do Delfim". É gastar cêra com defunto ruim. Mas a Lana Turner está belíssima.